

**OS MILIÁRIOS DA IV VIA MILITAR  
BRACARA AUGUSTA-ASTURICA  
AUGUSTA NA ÁREA DA BACIA SUPE-  
RIOR DO RIO COURA**

*THE MILIA STONE FROM THE ROMAN IVth.  
MILITAR ROUTH FROM BRACARA AUGUSTA  
TO ASTURICA AUGUSTA IN THE AREA OF  
THE UPPER COURA*

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA\*  
NICOLAS MARIN DIAZ\*\*

**RESUMO**

Com o presente artigo apresenta-se o estudo e descrição dos vestígios arqueológicos existentes e mais notórios, os miliários, em número de dezasseis, da IV Via Militar Romana ou 19ª do Itinerário Antonino que ligava Braga a Astorga, na área da bacia superior do rio Coura

**Palavras-chave:** Bacia superior do rio Coura. IV Via Militar Romana. Miliários.

**ABSTRACT**

This article describes the more important archaeological artifact like the sixteen milia stone from the roman IVth. Militar routh from Braga to Astorga, in the area of the upper Coura.

**Key words:** Upper Coura river. Roman IVth. Militar routh. Milia stone.

**1. NOTA INTRODUTÓRIA**

O estudo que agora apresentamos é fruto dos trabalhos de levantamento arqueológico que se têm vindo a desenvolver na área da bacia superior do rio Coura.

Um dos seus objectivos prende-se com a necessidade de elaborar um estudo tanto quanto possível exaustivo dos miliários existentes e/ou encontrados nessa área. Estudo esse contextualizado dado que analisamos pormenorizadamente o percurso da Quarta Via Militar Romana que seguia de *Bracara* a *Asturica*. Contudo, tendo por base a bibliografia existente, a análise geomorfológica do terreno e não a escavação ou estudo de vestígios arqueológicos da via, uma vez que actualmente estes não são visíveis.

Em suma, pretendemos fazer o possível ponto de situação, sendo de destacar o facto de que se trata do primeiro e, possivelmente último,

\* Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense; Responsável pelo G. A. P. - Área de Arqueologia; Bolseira do Programa *PRAXIS XXI*.

Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Av. Rodrigues de Freitas, 339 - 4000 PORTO

\*\* Professor Titular do Departamento de História Antiga da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Granada

Campus de Cartuja, s/nº - 18007 GRANADA

**FICHA TÉCNICA:**

Desenho de campo: Nicolas Marín Díaz.

Desenho de gabinete: Silvia Noguerras Vega.

Fotografias: Fátima Matos Silva.



trabalho em que todas as epígrafes foram desenhadas à escala. Último, porque o adiantado e progressivo estado de deterioração dos miliários é um facto, que a exposição permanente às intempéries apenas tende a piorar, pelo que dentro de alguns anos as epígrafes se tornarão ilegíveis.

Por outro lado, não menos importante, pretende também tornar público o valioso património arqueológico do concelho de Paredes de Coura, fruto dos trabalhos de levantamento da Carta Arqueológica.

## 2. ENQUADRAMENTO ADMINISTRATIVO E GEOGRÁFICO

Como se pode analisar pela cartografia<sup>(1)</sup> o concelho de Paredes de Coura situa-se no distrito de Viana do Castelo, na região geográfica do Alto Minho ou Minho Setentrional, em zona central em relação aos concelhos que o circundam, nomeadamente Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Monção, Valença e Vila Nova de Cerveira (Mapas I e II).

Os limites administrativos são em grande parte coincidentes com os da bacia superior do rio Coura que é limitada a NNE, E e SSE por zonas de bastante altitude, como a Serra da Boulhosa, o Monte de Lamas e o Corno do Bico (Serra de Bico), que oscilam entre os 700 e os 835 metros, inclinando-se esta área geográfica no sentido oeste, do mar, variando as altitudes, neste ponto cardinal, entre os 120 e os 350 metros.

O rio Coura, de traçado sinuoso, corre em vale estreito, tendo vários afluentes e nascentes. Passa em cotas compreendidas entre os 500 e os 120 metros, esta última quando sai do concelho e entra no de Vila Nova de Cerveira. Separa esta área geográfica sensivelmente pelo meio, percorrendo um talvegue sinuoso no sentido NE-SO.

O seu leito, apesar de pequeno, é, no entanto, muito marcante, pois é em redor da sua bacia e das dos seus afluentes que se concentram as zonas mais férteis. Os campos agricultados, de dimensões reduzidas, encontram-se no vale ou a meia encosta, sendo as zonas mais elevadas arborizadas ou incultas, e ocupando grandes áreas. Também o relevo se desenvolve a partir daí, atingindo as maiores altitudes na periferia da sua bacia hidrográfica.

O território, em termos geológicos, é constituído por terrenos arcaicos e graníticos, onde abunda o granito porfiróide, de grão grosso, existindo ainda frequentes afloramentos xistentos.

## 3. METODOLOGIA

Cabe aqui explicitar a metodologia seguida, as etapas da prospecção de campo, bibliográfica, cartográfica e museológica que permitiu que detectássemos, entre outros, vestígios da Romanização num total de quarenta e sete estações, nos quais se incluem os dezasseis miliários aqui estudados.

Estas etapas caracterizaram-se por um trabalho prévio de gabinete, que englobou diversas tarefas. A elaboração de inquéritos arqueológico-toponímicos que distribuimos à Juntas de Freguesia, Párcos e outras entidades e pessoas do Concelho, tendo posteriormente sido publicados nos *Cadernos de Arqueologia e Património* (1993/94); analisámos a cartografia, em várias escalas e tipos, colhendo variada informação, recolhemos a toponímia e localizámos na cartografia a actual situação e a anterior dos miliários, tal como o hipotético percurso da via.

Elaborámos várias fichas-tipo para trabalho de campo, referentes aos miliários e à via, passando em seguida à prospecção, tentando localizar todos os vestígios de que tínhamos referências bibliográficas, ou que colhêramos através do tratamento dos inquéritos feitos à população.

A bibliografia existente é, na esmagadora maioria dos casos, muito antiga, pertencendo ao século passado ou início deste. Tem o mérito, por vezes, de descrever elementos que actualmente já não existem mas que levaram e continuam a levar a muitas conclusões erróneas.

Foram pesquisadas não só as obras que se referem ao concelho, como a monografia de

(1) Na cartografia dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1/25.000, a área da bacia superior do rio Coura, assim como o concelho de Paredes de Coura, ocupam parte dos mapas referenciados com os números 7 (1949), 8 (1949), 15 (1949) e 16 (1948).

Narcizo A. Cunha (1909 [1979]), ou obras mais recentes que não adiantam muito ao que o referido autor escreveu no início do século (CORREIA 1957; OLIVEIRA 1976), mas também as obras típicas neste género de trabalho como por exemplo as *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga* (ARGOTE 1728; 1732-34), *Memorias Parochiaes de 1758* (CARDOSO 1758 e AZEVEDO 1896), a *Corografia Portuguesa* (COSTA 1868), o *Minho Pittoresco* (VIEIRA 1886 [1987]), o *Portugal Antigo e Moderno* (LEAL 1873-90), as *Religiões da Lusitânia* (VASCONCELOS 1905-13), o *Arqueólogo Português*; a *Revista de Guimarães*; os *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, as obras de *Martins Sarmiento*, jornais e revistas da região e do Minho como *O Distrito de Braga*, o *Arquivo do Alto Minho*, entre outras.

Em relação ao nosso tema em particular, a epigrafia e estudo da rede viária, consultámos também várias obras (HÜBNER 1869-92; CAPELLA 1895; ALMEIDA 1979 e 1980; ALMEIDA 1968; ARAÚJO 1962 e 1982; SANTOS 1979 e SANTOS *et alii* 1983).

Outro factor que dificulta o nosso trabalho é o de que os sítios onde se detectam os achados de características romanas são, como é habitual, zonas onde a acção humana se fez sentir de forma muito mais vincada desde essa época. São áreas onde a actividade agrícola foi e é normalmente intensa (ou não seja esta área voltada quase exclusivamente para o sector primário), destruindo a maioria dos vestígios e adulterando outros, pois, os romanos, também privilegiavam os vales e encostas para os seus assentamentos.

No entanto, é fruto desses trabalhos que se têm detectado a maioria dos vestígios romanos.

Em face destas constatações, temos uma visão parcelar do que seria a via romana e a sua área de influência, pois que devem ter existido muitas mais estações arqueológicas (algumas delas é possível que venhamos ainda a detectar), além das que detectamos aquando do estudo da romanização desta área (SILVA 1994). Por outro lado, existem muitos vestígios que se limitam a fragmentos de tégula exumados sem qualquer referências estratigráficas ou outro tipo de contexto, fornecendo-nos uma informação muito vaga.

Aquando dos trabalhos de prospecção e

análise das peças, fizemos um estudo pormenorizado dos miliários, através do desenho pormenorizado, à escala, das epígrafes de cada monólito, medimos as letras, os espaços interlineares, os próprios monólitos, caracterizamos a matéria prima de que são feitos, o contexto em que actualmente se enquadram. As medidas das letras foram tiradas em altura e cada uma por si, enquanto as medidas dos espaços interlineares foram retiradas apenas no local mais estreito, correspondendo assim à medida mínima, pelo que por vezes ocorrem valores negativos, resultantes de letras de determinada linha que invadem o espaço de letras de outra linha, tendo estas que descer, pelo que nunca se sobrepõem.

Evidentemente que foram preciosas as informações colhidas junto dos moradores e outros interessados pela arqueologia e património concelhio.

Numa segunda fase prospectámos as áreas que por razões topográficas e/ou toponímicas se nos ofereciam mais prováveis para a implantação da via.

Paralelamente estudámos o miliário depositado no Museu Pio XII, em Braga, e tentamos descobrir outros que estivessem fora da área concelhia.

Numa terceira etapa passámos a novo trabalho de gabinete, criando bases de dados e ficheiros com várias utilizações por forma a estudar os dados recolhidos. Fez-se então a coordenação e estudo de todos os elementos sendo catalogados por cada freguesia e lugar no computo geral dos materiais (segundo a carta arqueológica) para que a leitura e atribuição do respectivo código deste trabalho coincida com o código da publicação de outros trabalhos (SILVA 1994), nomeadamente a carta arqueológica.

Por fim, além do texto, elaborámos diversos quadros e gráficos que possibilitam além de uma análise rápida e pormenorizada, uma visão global sobre os miliários e o traçado da via.

#### 4. O TRAÇADO DA QUARTA VIA E OS MILIÁRIOS

Para que os cereais e minerais chegassem a Roma era necessário regularizar o complexo sistema das redes viárias existentes, pelo que terá sido necessário criar nesta área a

Quarta Via Militar ou a 19ª do Itinerário Antonino, de *Bracara Augusta* a *Tude* e *Astorga*.

O *Itinerário de Antonino*, elaborado em 280, na época do imperador Caracala, talvez por um comerciante-viajante, tal como em relação a outras áreas, também aqui apresenta várias imprecisões (ROLDAN HERVÁS 1975). As milhas indicadas não coincidem de forma alguma com as realmente existentes. Por exemplo, coloca a milha 24 em Tuy, sendo o início desta área na milha 28 e o fim na 36. Segundo este *Itinerário* uma milha teria 1481 metros, que correspondiam a 5000 pés.

Segundo os estudos mais recentes (ALMEIDA 1979), o traçado desta Quarta Via - via Braga-Lugo-Astúrias -, passaria pelo actual concelho de Paredes de Coura na sua metade oeste, seguindo um trajecto que varia entre 160 e 300 metros de altitude.

Aparentemente, existiria uma bifurcação da via, perto do lugar do Espinheiro, passando, um troço, pelo regato da Câmboia e continuando por Vinhó de Cima, Bandeira e Boavista, ladeando a sul a Portela Grande e entrando neste concelho, na freguesia de Romarigães, no lugar de Agro do Monte (COSTA 1868; REIS 1978).

Narcizo A. Cunha detectou restos da via na área referida (REIS 1978) - que actualmente pertence ao concelho de Ponte de Lima.

Em relação ao outro troço não temos elementos sobre os locais por onde seguiria e como se desenvolveria pela área courense. Talvez seguisse pela Calçada do Homem Grande, localidade de Ponte de Lima, atravessando posteriormente a Serra da Travanca, o vale de Lisouros, onde se detectaram vários materiais romanos. Alguns autores do século passado (CUNHA 1909 [1979]) referem que uma ligação da via passaria na freguesia de Insalde.

Actualmente quase não existem vestígios da via, dado que esta não seguiria o tipo construtivo das vias de primeira ordem, como a famosa via Ápia, com as quatro camadas sucessivas. Teria uma elaboração muito mais simples.

Carlos A. Brochado de Almeida (1979) fez algumas sondagens nesta área, tendo detectado alguns vestígios no lugar do Couto das Cabras (cota 240), em Cossourado, onde se situava a milha 34, referente ao miliário de Maximino Daia (305-313). Aí existiam ainda restos das estruturas laterais (as *margines*) ladeando o caminho

actual. Também junto à igreja românica de Rubiães (cota 180) detectou vestígios semelhantes.

Apesar de obedecer a um plano previamente estabelecido, como era hábito, numa fase inicial os romanos devem ter adoptado as veredas "castrejas", suprimindo a sinuosidade e tentando adoptar a linha recta, sempre que possível, apesar da topografia do terreno que, necessariamente, levou à construção de rampas para vencer a inclinação deste.

Outro factor que explica a degradação desta via, além das destruições que o tempo e os homens lhe impuseram, é o facto de em grande parte ter o mesmo percurso da E.N. 201 (que liga Ponte de Lima a Valença), sobretudo na área em que atravessa o actual concelho de Coura.

Pretendia-se chegar o mais depressa possível às povoações mais importantes de então e, sem dúvida, fazer a deslocação rápida de legiões e produtos.

Com a continuidade da ocupação e da exploração económica, além do aumento da densidade populacional, as vias multiplicam-se e melhoram.

A construção das vias nestas zonas afastadas do Império estaria a cargo dos legionários e evidentemente dos povos conquistados, sendo supervisionados pelos *curatores viarem*.

Também as pontes não passariam, numa fase inicial, de simples pontões de madeira que se foram ao longo dos tempos petrificando, conforme as necessidades e segundo as formas habituais e estabelecidas.

Pela análise da topografia do terreno, da cartografia, dos materiais detectados e da bibliografia que se lhe refere, sobretudo os estudos de Brochado de Almeida (1979), traçamos o hipotético itinerário da via.

Teria como principal finalidade não só apoiar a estratégia militar como, também, uma finalidade económica, a de deslocação de minérios explorados no noroeste Peninsular, provavelmente o estanho.

A via ajudaria ainda a pacificar os Galaicos e unia as capitais dos três *Conventus* jurídicos do Noroeste, que as campanhas de Décio Júnio Bruto (chegou até ao rio Minho, em 137 a.C.) e Júlio César (chegou até à Corunha, em 61-60 a.C.) tinham definitivamente conquistado. A *Paz de Augusto* ajuda à pacificação e à integração, pelo menos aparente.

Esta entrava na área da bacia superior do rio Coura pela freguesia de Romarigães passando pela Portela Pequena, no alto da Labruja (com cotas de 400 metros de altitude) onde se situava a milha 28<sup>(2)</sup>, flectindo a oeste e passando por Pisco (cota 300), Veiga do Monte (cota 261), Portela (cota 240), Venda (cota 230), Cascalhal (cota 250), onde estava localizada a milha 29, referente ao miliário de Constante I (que se encontra em Barreiros), S. Roque (cota 245), Portela de Romarigães (cota 250), Cividade de Romarigães, que contornava pela encosta leste, à cota de 240, situando-se aí a milha 30, no lugar da Azenha do Ribeiro. Esta milha refere-se ao miliário de Augusto que se encontra, no lugar do Castro.

Seguia para a freguesia de Agualonga, passando um afluente do Coura, a ribeira de Codeceira, no local onde actualmente existe a ponte com o mesmo nome (ao Km 27 da E. Agualonga-Caminha - cota 175) e seguia para o Monte da Gândara (cota 200) e Covelo (cota 224). A partir daí segue para leste da E. N. cortando-a novamente ao Km 28, dirigindo-se para Pereiros (cota 240), onde existia a milha 31 (miliário de Magnêncio, que se encontra junto da Capela de S. Bartolomeu), seguindo, regra geral, o traçado da E. N. até à capela de S. Roque (cota 230 - Km 14).

De seguida vira-se para leste pelas faldas do monte da Costa (cotas 240, 230, 210), passando por trás da igreja românica de Rubiães, que possui pedras almofadadas romanas, atingindo posteriormente o lugar da Escola (cota 200). Volta a cruzar a E. N., para oeste, ao Km 13, orientando-se para o lugar do Crasto e a Ponte Velha de Rubiães (Km 12). Passava, pois, o rio Coura na ponte ainda hoje existente, embora reconstruída na Idade Média e épocas posteriores, pelo que resta uma aduela dos tempos romanos (está situada a uma cota de 160 metros).

Após a ponte, a via passa para a freguesia de Cossourado. Contudo, a partir daqui os vários autores têm descrito três percursos para a mesma.

(2) Luciano Santos (1979, 21 a 26) aponta a milha provável de XXVIII para o miliário de Valentiniano I que foi detectado em Romarigães (actualmente no Museu Pio XII). Na epígrafe só restam os dois primeiros caracteres XX(...).

Contador de Argote (1734, 160) defendia que a via passaria no alto do monte de Cossourado, lugar de onde teriam trazido para a capela de S. Bartolomeu de Antas, dois miliários. Contudo, tal hipótese está posta de lado, não só por razões topográficas, mas porque as nossas escavações nesse povoado fortificado da Idade do Ferro o têm confirmado. Não existem quaisquer vestígios de calçada romana no topo e mesmo vertentes do monte, nem mesmo vestígios de qualquer tipo de aculturação romana, dado que não se detectou, até ao momento, qualquer espólio dessa época cronológica, bem como as datações obtidas pelo método do carbono 14, para estabelecer a cronologia de ocupação do povoado, estão muito longe de épocas romanas.

J. Augusto Vieira (1886,122), Pinho Leal (1878) entre outros autores opinam que desse povoado teriam vindo quatro miliários e não dois.

Narcizo Alves da Cunha, tal como Martins Sarmiento (1933, 84), Félix A. Pereira (1924, 279), L. Figueiredo da Guerra (1919, 71) e C. A. Ferreira de Almeida (1968, 35), defendem também a passagem da via por Cossourado.

Continuando a realçar o percurso da via refira-se que a milha 33 localizava-se ao Km 11 da E.N. 201.

Segundo Brochado de Almeida (1979, 121-122), autor que temos vindo a seguir, a via após a referida ponte românico-medieval de Rubiães, seguiria pelo caminho (cota 170) que ainda hoje existe, em direcção à E. N. que atingiria no Km 12, e passava para leste seguindo-a quase paralelamente, em cota ligeiramente inferior, até Couto das Cabras (cota 240 - Km 10), onde estava situada a milha 34 (miliário de Maximino Daia - detectado em Sapardos, V. N. de Cerveira), nas proximidades da Cividade de Cossourado, confundindo-se a partir daqui com a referida E. N. existente, até atingir a capela de S. Bento da Porta Aberta (cota 270), em que passa por trás do templo, onde ficava a milha 35, seguindo posteriormente para lugares já do concelho de Valença e fora da área da bacia superior do rio Coura (pelo que não estudamos esse percurso), nomeadamente o Monte das Contenças (cota 250-200), onde se situava a milha 36 (miliário de Nerva, que se encontra na Capela de S. Bartolomeu), Fontoura e outros.

De facto a via passaria em Cossourado, pela encosta leste do povoado fortificado mas

já algo afastada do mesmo, não pelo topo ou pelas suas encosta leste ou oeste como se tem pensado.

Brochado de Almeida tinha já defendido esta opinião que confirmou com um corte de perfil, ao Km 10,9, entre a referida ponte e o lugar do Couto das Cabras, que revelou "os restos das estruturas laterais do lado leste".

A análise no terreno e mesmo cartográfica têm-se revelado muito interessante, visto que os percurso assinalado pelos diversos autores coincide ou aproxima-se de vários caminhos carreteiros, já assinalados na cartografia dos Serviços Geográficos do Exército, na escala 1/25.000, que data de 1949.

Elaborámos um mapa para melhor compreensão da distribuição das milhas e dos miliários correspondentes, bem como dos locais onde actualmente se encontram. É possível que os miliários pertencentes às milhas que não conhecemos, sejam os que se encontram espalhados por esta área, mas em mau estado de conservação.

Esta área era demarcada por sete milhas, com mais duas na periferia, entre a 28 e a 36, correspondendo a nove miliários, dos quais sabemos a localização precisa de seis. Assim, os dezassete desta zona ou pertencem a outros troços da via, externos a esta região, ou referem-se a miliários que foram renovados em tempos romanos.

A disparidade cronológica dos miliários revela as várias reconstruções desta via, amplamente documentadas.

A existência neste troço de dois miliários tardios de Valentiniano, datados de entre 364 e 375 d.C., reflecte a tentativa de contenção dos invasores bárbaros deste imperador, pela exploração máxima das minas de prata, ouro e estanho de que seria talvez pródiga esta região do *Conventus Bracaraugustanus*, como é referido desde a antiguidade por vários autores dessa época (Marcial, séc. I d.C.; Plínio o Velho, 23-79 d.C.; Sílio Itálico, 25-101 d.C. e Estrabão (65 a.C. - 20 d.C.) e por outros actuais (ROLDÁN HERVÁS 1974; 1975; RODRIGUEZ COLMENERO 1976; BLÁZQUEZ MARTINEZ 1978).

Os vestígios da Quarta Via militar Braga-Astúrias são, como se deduz, essencialmente materializados nos miliários, existentes ainda em grande profusão não só na área estudada, como

nos locais por onde esta passava, vindo desde Braga.

Existiam três vias de Braga a Astorga, sendo esta uma das primeiras a ser construída. O miliário mais antigo, encontra-se no lugar do Crasto e é dedicado a Augusto, datando de 11-12 d.C.. Deste imperador existe outro, nesta via, no lugar do Prado (Braga).

Mandada construir por Augusto, assim como a via *Bracara Augusta - Asturica Augusta* (passando por *Aquae Flaviae* (Chaves)), tornou-se na 19ª do Itinerário Antonino, de *Bracara a Lucus e Asturica*, unindo estas cidades após a conquista de *Medulium* e *Lucus* (Lugo).

Estas peças - os miliários - além de nos darem uma cronologia precisa e uma localização exacta (assinalando as milhas percorridas ou a percorrer e a distância, geralmente a uma capital de província), indicam-nos a homenagem ao imperador vigente que mandou fazer as obras e/ou reparações. Mencionam os seus títulos, ou o dos magistrados ou encarregados dos trabalhos, por vezes o tipo da obra realizada e, ainda, a altura da construção.

Esta via sofreu várias e sucessivas obras de construção e de reparação no tempo de vários imperadores como: Augusto (11-12 d.C.), Tibério (21 d.C.), Cláudio (44 d.C.), Nerva (97 d.C.), Adriano (134 d.C.), Caracala (214 d.C.), Maximino (235-238 d.C.)<sup>(3)</sup>, Constâncio I Cloro (entre 292 e 306 d.C.), Maximino Daia (com dois exemplares - 305-313 d.C.); Constante (333-337 d.C.); Magnêncio (com dois exemplares - 350-353 d.C.), Juliano (360-363 d.C.) e ainda, no tempo de Valentiniano I (também com dois exemplares - 364-375 d.C.).

A reparação da via no tempo de Valentiniano está bem comprovada pela existência de sete miliários, numa distância relativamente curta, desde Braga até Tuy.

Aparentemente e segundo os testemunhos materiais dos miliários e das suas epígrafes, a reconstrução fez-se a partir de Braga e aparentemente parou em Tuy. Pode-se aventar

(3) Os autores variam bastante na atribuição do imperador a este monólito: Maximino Daia, Maximiano ou Maximino, embora ele seja atribuído a Maximino e a seu filho Máximo. Trata-se, assim, do único miliário desta área dedicado a dois membros da família imperial.

a hipótese, tal como Luciano dos Santos (1979), de que esta reanimação da via faz-se para a deslocação dos produtos que chegavam a Braga (vindos por outras vias frequentemente reparadas) seguindo até Tuy e que daí seguiam por barco para outro porto a Norte, sendo a via praticamente abandonada em termos de reparações romanas a partir de Tuy até Astorga, passando por Lugo, dada a sua pouca utilidade no Baixo Império.

Este troço foi, pois, bastante utilizado durante o Império, depois da queda deste e mesmo durante a Idade Média, fazendo parte do itinerário das peregrinações a Santiago de Compostela.

Segundo B. de Almeida (1979) esta via teria uma largura em média de seis metros.

Os miliários foram reutilizados para variados fins: como sepultura antropomórfica medieval (Caracala, Rubiães), pia dos porcos (Valentiniano) e outros como postes de sustentação de ramadas ou mesmo de alpendre de capela como, em Antas, na capela de S. Bartolomeu.

Encontram-se distribuídos pela área da bacia superior do rio Coura quinze miliários, existindo ainda um outro que se encontra no Museu Pio XII, em Braga. Trata-se de uma das maiores concentrações deste tipo de vestígio arqueológico na área de um concelho, em relação a várias vias que atravessavam o território português e, sem dúvida, em relação a esta Via Quarta, se exceptuarmos a denominada Geira, na zona da Peneda-Gerês.

Existem ainda, mais três na povoação de Sapardos (fronteira a Cossourado e pertencente actualmente a Vila Nova de Cerveira), provenientes desta. Um deles está muito danificado, só restando a parte inferior, mas os outros dois ainda conservam grande parte da epígrafe. Um é de Maximino Daia (305-313), tendo a milha o número trinta e quatro (encontrado no Monte da Gandara) e o outro é de Constâncio I Cloro, tendo sido detectado no lugar da Ranhadoura e colocado na via entre 292 e 306 (séc. II/III d.C.). Apesar dos esforços que fizemos não foi possível saber o real paradeiro dos miliários de Maximino Daia e de Constâncio I Cloro.

A quantidade e qualidade destes sinalizadores das milhas romanas é significativa, tanto mais que o espólio proveniente da romanização do território referente à bacia su-

perior do rio Coura é bastante pobre (SILVA 1994).

Apenas uma pequena quantidade deles se encontra próximo do local onde estariam situados em tempos romanos, visto a maioria encontrar-se deslocada, não estando pois "in situ". Contudo, alguns situam-se muito próximos do seu local original, como podemos aferir pela interpretação do mapa anexo.

Todos eles apresentam as epígrafes em caracteres actuários, relativamente bem definidos, com pouca inclinação e com uma altura em média de 9,553 centímetros. Os miliários de Barreiros e Fonte do Olho são os que apresentam caracteres menos perfeitos, muito irregulares. Os de Antas, bem como o de Augusto e o de Caracala são de melhor execução, aproveitando bem o campo epigráfico e com uma boa definição dos caracteres. Os espaços interlineares apresentam um espaço médio de 3,863 centímetros.

Gostaríamos aqui de destacar a inscrição honorífica, em honra de Constante [ROM 7] pela particularidade da sua epígrafe, além de que foi descoberto há pouco tempo.

É o miliário com o número XXVIII (sic) - XIX - da Quarta Via, ou seja é o vigésimo nono da série a ser colocado.

Revela ainda o culto imperial, apesar de cronologicamente se situar no Baixo Império, numa altura em que este culto se encontrava já em decadência, espalhando-se o Cristianismo.

É a epígrafe mais interessante desta área, sendo única no género, dado que apresenta o nome de quem o colocou, que talvez o tenha também elaborado e é também o dedicante: o *Rovino*, segundo a nossa leitura, dado que Luciano dos Santos (o primeiro autor a publicar este miliário) lê como *Flavino*. Além destes elementos apresenta ainda uma nova fórmula de indicar as milhas, não em relação a *Bracara Augusta*, mas, o seu número na via.

Segundo Luciano dos Santos, Flavinus seria, talvez, filho de um *Flavus* (ou para nós *Rovinus*), nome bastante frequente em epígrafes peninsulares. Trata-se de um devoto deste imperador, eventualmente "um escravo público, encarregado da reparação das estradas "Curator viarum" (1979, 30).

Apresentamos um nova hipótese da transcrição - D(ominis) N(ostris) / CONSTANTE / NOBILISSIMO / CAESARI / POSVIT / ROVIN[US]



/ MILIARIVM / XXVIII, cuja leitura é: *Aos nossos senhores. A Constante nobilíssimo César colocou Rovino o miliário vigésimo nono.*

O estudo da via e dos miliários que lhe estão associados revela que esta foi construída em fins do século I a.C. e princípios do I d.C. (na viragem do milénio), sendo o miliário mais antigo, como já se referiu, o de Augusto de 11-12 d.C. e terminando de ser reestruturada nestes moldes (com miliários marcando as milhas) no século IV, altura em que teve grande incremento a julgar pela cronologia dos marcos, existindo sete desta fase. Os miliários mais tardios são os de Valentiniano I (364-375), sendo também os mais raros, em relação a outras vias.

Os miliários deste imperador só são detectados nesta via (existem mais seis), existindo unicamente um na zona de Córdova, estudado por E. Hübner.

Este imperador dividiu o império com seu irmão Valente, que chefiava o império do Oriente. Valentiniano tinha a sua capital principal em Milão. Tentou salvar a derrocada do império assolado por constantes invasões dos povos bárbaros.

A via aparentemente não sofreu remodelações no século II, embora se trate apenas de uma hipótese, dado que não conhecemos a datação de todos os miliários (no caso apenas dois, sendo um anepígrafo), além de que certamente outros existiram, aliás como são documentados por Contador de Argote (s.v. nota 4). Podem também ter sido substituídos por outros nos séculos III e IV d.C..

## 6. FICHEIRO

FREGUESIA DE COURA (S. MARTINHO) - (16.05.05)

### Nº 1 - ROM 7

#### MILIÁRIO DE CONSTANTE I

**Localização actual:** Barreiros.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 156,9; Y = 545,4.

Altitude: 160 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** estaria no lugar de Cascalhal (com a altitude de 250 metros), localidade da freguesia de Romarigães.

**Matéria-prima:** granito de grão médio.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura -162;

Campo epigráfico: 95;

Letras:

L1: nº1: 7,5; nº2: 8; nº3: 8; nº4: 8;

L2: nº1: 6,5; nº2: 5,5; nº3: 6,5; nº4: 8; nº5: 7; nº6: 6,5; nº7: 7; nº8: 8,2; nº9: 8;

L3: nº1: 6; nº2: 5; nº3: 6,1; nº4: 4; nº5: 4,8; nº6: 4,6; nº7: 5; nº8: 6,5; nº9: 6; nº10: 6,2; nº11: 6,2;

L4: nº1: 5,9; nº2: 6; nº3: 6,5; nº4: 5,6; nº5: 6; nº6: 6,4; nº7: 5,8;

L5: nº1: 6; nº2: 6,2; nº3: 7; nº4: 6; nº5: 6,5; nº6: 6;

L6: nº1: 8,2; nº2: 5; nº3: 5,6; nº4: 6; nº5: 7;

L7: nº1: 7,8; nº2: 7,2; nº3: 9; nº4: 6; nº5: 7,4; nº6: 9,8; nº7: 8; nº8: 8,5; nº9: 9;

L8: nº1: 5,5; nº2: 6; nº3: 5,5; nº4: 5,1; nº5: 5,8; nº6: 5,9; nº7: 6;

Média das letras: 6,71 (entre 4 e 9);

Espaços interlineares: nº1: 5; nº2: - 0,8; nº3: 0; nº4: 0,8; nº5: 2; nº6: 2; nº7: 2,8;

Média dos espaços interlineares: 1,68 (entre - 0,8 e -5);

Largura - Campo epigráfico: 65;

Diâmetro: 45 x 38;

Perímetro: 149 (topo); 130 (base).

**Descrição:** Coluna miliária em razoável estado de conservação. Epígrafe disposta em oito linhas, com caracteres actuários e em gravação em V, sem pontos distinguentes entre as palavras. Os caracteres são muito irregulares e encontram-se em mau estado de conservação. As letras OS, na terceira linha, e o C, na quarta, foram reavivadas.

Os espaços interlineares são também muito

irregulares, quer em termos genéricos, quer em termos de cada linha por si só. Assim, existem letras da segunda e terceiras linhas que invadem o espaço das linhas que lhe estão imediatamente abaixo (respectivamente a terceira e quarta) pelo que, na média de cada linha, não existe um espaço real. Desta forma, optamos por assumir para o intervalo entre as letras um valor negativo de 0,8, para o espaço entre a segunda e terceira linhas, e de zero, para a terceira e quarta linha.

Como referimos, quando tratamos da metodologia seguida neste estudo, os valores que apresentamos são os de medidas mínimas e o facto de poderem ser negativos, indica a dificuldade do lapicida em manter uma gravação linear, tendo que sucessivamente, sobretudo após o meio da linha, ir baixando e inclinando a gravação das letras. Contudo, as letras nunca se sobrepõem. Assim, se uma letra de determinada linha desce em relação à linha imaginária que deveria seguir, a que lhe fica imediatamente por baixo também desce a sua gravação no corpo da epígrafe. A inscrição é honorífica, em honra de Constantino. É o miliário com o número *XXVIII* (sic - XIX) da Quarta Via, ou seja é o vigésimo nono da série a ser colocado.

Revela o culto imperial, apesar de cronologicamente se situar no Baixo Império, numa altura em que este culto se encontrava já em decadência em detrimento do Cristianismo, que se expandia.

É a epígrafe mais interessante desta área, sendo única no género, dado que apresenta o nome de quem o colocou, muito provavelmente o elaborou e o dedicou: *Rovinus*. Por outro lado apresenta uma nova fórmula de indicar as milhas: não o faz tendo como ponto de referência *Bracara Augusta*, mas, sim o seu número de colocação na via.

**Transcrição:** *D(ominis) N(ostris) / CONSTANTE / NOBILISSIMO / CAESARI / POSVIT / ROVIN[US] / MILIARIVM / XXVIII*

**Leitura:** *Aos nossos senhores. A Constante, nobilíssimo César, colocou Rovinus o miliário vigésimo nono.*

**Cronologia:** Foi feito entre 333 e 337, século IV d. C.

**Paradeiro:** Perto da capela de Barreiros, no caminho público, à entrada de uma casa particular.

**Bibliografia:** SANTOS 1979, 26-30; ARAÚJO 1982, 228-229; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/31; SILVA 1994, 29, 58-65 (ROM 7).

## Nº 2 - ROM 8 - MILIÁRIO DE MAGNÊNCIO

**Localização actual:** Fonte de Olho.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 156,9; Y = 546,4.

Altitude: 170 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhece-se, visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão fino.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 130;

Campo epigráfico: 34;

Letras:

L1: nº1: 12,5; nº2: 9;

L2: nº1: 8; nº2: (?); nº3: 12; nº4: 9; nº5: 9;

L3: nº1: (?); nº2: (?); nº3: (?); nº4: 8;

Média das letras: 9,41;

Espaços interlineares: nº1: 6; nº2: 7; nº3: 6;

Média dos espaços interlineares: 6,3;

Largura - Campo epigráfico: 62;

Diâmetro: 42 x 49;

Perímetro: 152.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação. A epígrafe está incompleta, tendo sido elaborada com caracteres actuários, em gravação em V, num único campo epigráfico, disposto actualmente em três linhas.

Está fracturada. A inscrição é honorífica, em honra de Magnêncio.

D D N N  
CONSTANTI  
NOBILISSIMO  
...AESARI  
POSVIT  
FLAVINV...  
MILIARIVM  
XXVIII

(SANTOS 1979, 27)

D D N N  
CONSTANTE  
NOBILISSIMO  
CAESARI  
POSVIT  
ROVIN  
MILIARIVM  
XXVIII

(Transcrição actual)

DN  
MAGNO  
...N EN...O

(CAPELLA 1895, 248)

DN  
MAGNO  
...N EN...O

(Transcrição actual)

Transcrição: D(omino) N(ostro) / MAGNO / [MAG] N[EN][TI]O

Leitura: Ao nosso senhor. Grande Magnêncio ...

Cronologia: Entre 350 e 353 - séc. IV d. C.

Paradeiro: Suporte de ramada de uma Quinta particular. Por este facto, a sua parte superior está muito danificada, tendo aí sido embutida uma coluna de ferro.

Observações: Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

A sua epígrafe não foi desenhada por estar quase imperceptível, pelo que esse moroso trabalho não adiantaria nada ao que se conhece.

Bibliografia: CAPELLA 1895, 248; ALMEIDA 1979, 120-124, 146-147; OLIVEIRA 1976, 97; SANTOS 1979, 9-15; ARAÚJO 1982, 226-227; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/30; SILVA 1994, 29, 58-65 (ROM 8).

#### FREGUESIA DE ROMARIGÃES - (16.05.19)

##### Nº 3 - ROM 30

##### MILIÁRIO DE VALENTINIANO I

Localização actual: Museu Pio XII, em Braga, desconhecendo-se o lugar exacto onde foi encontrado. Sabe-se ter sido encontrado em local da freguesia de Romarigães.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

Proveniência real: desconhecida, visto a milha estar incompleta. No entanto, pela parte que resta pode-se depreender que este miliário esteve colocado entre Braga (Milha XXVI) e a Cidade de Romarigães (Milha XXX).

Matéria-prima: granito de grão médio, tendo um filão de quartzo, disposto diagonalmente (c. 2 cm de largura).

Dimensões (em centímetros):

Altura - 111;

Campo epigráfico: 71;

Letras:

L1: nº1: 9,5; nº2: 8,5;

L2: nºs.1 e 2: 8; nº3: 9; nº4: 9,5; nº5: 10; nºs.6 e 7: 10,5; nº8: 10;

L3: nº1: 8; nº2: 9; nº3: 10; nº4: 8; nº5: 9; nº6: 12; nº7: 10; nº8: 9;

L4: nºs.1,2,3,4 e 5: (?); nºs. 6 e 7: 10; nº8: 9; nº9: 10; nº10: 8,5; nº11: 9; nº12: 10,5;

L5: nº1: 12; nº2: 10; nº3: 9,5; nº4: 11; nº5: 8,5; nº6: 10; nº7 e 8: 9;

Média das letras: 9,44;

Espaços interlineares: nº1: 2; nº2: 3; nº3: 3; nº4: 4; nºs.5 e 6: (?);

Média dos espaços interlineares: 3;

Largura - Campo epigráfico: 64;

Diâmetro: 53 (topo); 56 (base);

Perímetro: está cortado a meio, não se podendo definir com precisão, pelo que o cálculo aponta para 171 cm.

PIA: Comprimento (interno): 70; largura (interna): 27; espessura (da parede): 10.

Descrição: Coluna miliária em mau estado de conservação, com a epígrafe incompleta, num único campo epigráfico, disposto actualmente em seis linhas.

Epígrafe em capital actuária, mal definida, com inclinação predominante à direita e elaborada em gravação em V.

A inscrição é honorífica, em honra de Valentiniano I (possuía o cognome de *Vencedor e Triunfador*). Foi reutilizada como pia de porcos, tendo sido "escavada" toda a parte interna, quebrada a base e sido feito um orifício na zona da epígrafe. Actualmente resta metade da coluna cilíndrica que teria sido o miliário, possuindo apenas parte da inscrição, que se encontra muito deteriorada.

DN VALENTIN VICTORI AC TRIVMPHATORI ... SEMPER AV... MILIA PAS XX ...	DN VALENTIN VICTORI AC TRIVMPHATORI SEMPER AV MILIA PAS XX
--	---

(SANTOS 1983, 22)

(Transcrição actual)

Transcrição: D(omino) N(ostro) / VALENTIN(iano) / VICTORI AC / TRIVMPHATORI [PERP(etuo)] / SEMPER AV[G](usto) / MILIA PAS(vm) XX [...]

Leitura: Ao nosso senhor. Valentiniano, Vencedor e Triunfador Perpétuo, Sempre Au(gusto). (De Braga Augusta) Vinte e ... mil passos.

Cronologia: Entre 364 e 375 - séc. IV.

Paradeiro: Entrou em 1966 no Museu Pio XII, onde se conserva com o nº 572.

Bibliografia: ALMEIDA 1979; SANTOS 1979, 21-

26; ARAÚJO 1982, 200-201; SANTOS 1983, 22; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/40; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 30).

#### FREGUESIA DE RUBIÃES - (16.05.20)

##### ROM 31 a 36 - MILIÁRIOS DE ANTAS

Referentes aos números 31 a 36 temos seis miliários, que se encontram em redor da capela de S. Bartolomeu, em Antas de Rubiães, estando dois deles a segurar o alpendre desta.

Pinho Leal (1878, 258) refere que a capela foi mandada construir por Lopo Dantas (*o Romano*), em 1592, e que os miliários já aí se encontravam, tendo sido transportados de Cossourado, e sido reaproveitados (os seis) para segurar o alpendre da capela. Actualmente, após as obras de 1973, só dois seguram o alpendre.

Contador de Argote refere a existência de um miliário que teria sido encontrado num regato, próximo desta localidade de Antas ("pelo lado da vila"), e que teria sido enterrado nos alicerces de uma ponte aí construída, por volta de 1728 (ARGOTE 1734, 638, nº1039)

Todos estes miliários, bem como a grande maioria dos existentes na área da bacia superior do Coura, estão classificados como Monumentos Nacionais, tendo sido um deles (não conseguimos identificar qual) reconfirmado mais tarde com o nº 160520-NP.

**Localização actual do conjunto:** Antas (S. Bartolomeu).

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 157,4; Y = 548,3.

Altitude: 205 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

##### Nº 4 - ROM 31 - MILIÁRIO DE NERVA

**Proveniência real:** Monte das Contenças (altitude entre 200 e 250), no actual concelho de Valença.

**Matéria-prima:** granito de grão grosso.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 231 (com sapata), 190 (sem sapata);

Campo epigráfico: 110;

Letras:

L1: nº1: 11,2; nº2: 10,2; nº3: 10; nº4: 10,5; nº5: 10; nº6: 10,3; nº7: 10; nº8: 12,8; nº9: 10,8; nº10: 11,5; nº11: 10,6; nº12: 10,7; nº13: 10,2;

L2: nº1: 9,5; nº2: 8,8; nº3: 8,5; nº4: 8; nº5: 8,5; nº6: 8,5; nº7: 8; nº8: 7,5; nº9: 8;

L3: nº1: 9; nº2: 9; nº3: 9,5; nº4: 10; nº5: 10; nº6: 10,5; nº7: 10; nº8: 10; nº9: 10,6;

L4: nº1: 9; nº2: 9,2; nº3: 9,5; nº4: 10; nº5: 10; nº6: 9,8; nº7: 10; nº8: 9;

L5: nº1: 10,5; nº2: 11; nº3: 12; nº4: 11,5; nº5: 11,3; nº6: 12; nº7: 11,8; nº8: 10,8; nº9: 10,2;

L6: nº1: 12; nº2: 13; nº3: 13,4; nº4: 13; nº5: 13; nº6: 13; nº7: 13,2;

Média das letras: 10,39;

Espaços interlineares: nº1: 4,5; nº2: 3,8; nº3: 2,5; nº4: 4; nº5: 7,8;

Média dos espaços interlineares: 4,52;

Largura - Campo epigráfico: 120;

Diâmetro: 63;

Perímetro: 200.

**Descrição:** Coluna miliária em bom estado de conservação, actualmente a suportar o alpendre da referida capela (do lado direito).

A epígrafe está completa, tendo sido elaborada em capital actuária, bem definida, com inclinação predominante à direita e executada em gravação em V, num único campo epigráfico, disposto em seis linhas.

Ao contrário do que tem sido publicado (ALMEIDA 1979), não existem pontos distinguentes entre as palavras.

A inscrição é honorífica, em honra de Nerva e apresenta a milha XXXVI.

Possui uma espécie de sapata com 16 centímetros de altura, mandada fazer em 1973 aquando das obras na capela e altura em que colocaram este miliário e o de Magnêncio a segurar o alpendre.

Este miliário foi mandado fazer pelo sistema imperial, como revela a inscrição em nominativo.

#### IMPERATOR NERVA

CAESAR AVG

P · M TRIB POT

P · P · COS III

A BRACARA

M P · XXXVI

(CAPELLA 1895,111)

IMPERATOR NERVA CAESAR AVG P · M TRIB · POT P · P · COS III A BRACARA M P · XXXVI	IMPERATOR NERV CAESAR AVG P M TRIB POT P P COS III AB BRACARA M P XXXVI
---	---

(ALMEIDA 1979,147)

(Transcrição actual)

Transcrição: IMPERATOR NERVA / CAESAR AVG(vstvs) / P(ontifex) M(aximvs) TRIB(unicia) POT(estate) / P(ater) P(atriae) CO(n)S(vl) III / AB BRACARA / M(ilia) P(asvm) XXXVI

Leitura: *Ao Imperador Nerva, César Augusto, Pontífice Máximo, investido no poder Tribunício, Pai da Pátria, sendo Consul pela terceira vez. A Braga trinta e seis milhas.*

Cronologia: Ano 97 - séc. I d.C.

Paradeiro: Suporte do alpendre da capela de S. Bartolomeu (à direita do visitante).

Observações: Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

Bibliografia: CIL II, 6226; ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; VIEIRA 1886, 122-123; CAPELLA 1895, 111; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; ARAÚJO 1962, 10 e 1982, 204-216; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 44, 45, 97, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-38; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/28; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 31).

#### Nº 5 - ROM 32

##### MILIÁRIO DE MAGNÊNCIO

Proveniência real: Lugar de Pereiros (com a altitude de 249 metros), na mesma freguesia onde se encontra (Rubiães), a cerca de 1500 metros do lugar inicial.

Matéria-prima: granito de grão médio.

Dimensões (em centímetros):

Altura - 247 (com sapata), 2,28 (sem sapata);

Campo epigráfico: 118;

Letras:

L1: nº1: 12,5; nº2: 12;

L2: nº1: 12; nº2: 13; nº3: 12,5; nº4: 12,5; nº5: 11,5;

L3: nº1: 14; nº2: 14; nº3: 13,5; nº4: 13,75; nº5: 15; nº6: 16,5; nº7: 15; nº8: 15; nº9: 16,5;  
L4: nº1: 13,5; nº2: 15; nº3: 14,5; nº4: 15,5; nº5: 15; nº6: 13,5; nº7: 14; nº8: 14; nº9: 14,75; nº10: 14,5;

L5: nº1: 16; nº2: 14,5; nº3: 14;

L6: nº1: 15; nº2: 14;

L7: nº1: 19,5; nº2: 16,5; nº3: 17,5; nº4: 19,5; nº5: 21,5;

L8: nº1: 11; nº2: 12; nº3: 12,5; nº4: 12,5;

Média das letras: 14,28;

Espaços interlineares: nº1: 5; nº2: 3,8; nº3: 1,8; nº4: 4,2; nº5: 5; nº6: 8; nº7: 8;

Média dos espaços interlineares: 5,11;

Largura - Campo epigráfico: 109;

Diâmetro: 53;

Perímetro: 197 (meio), 212 (topo), 193 (base).

Descrição: Coluna miliária em bom estado de conservação, a suportar o alpendre da capela (do lado esquerdo).

A inscrição está completa, muito profunda (c. de 1 cm), com pontos distintivos entre as palavras, num único campo epigráfico, disposto em oito linhas.

Esta epígrafe foi muito bem elaborada, se a compararmos com outras desta área, em capital actuária, com inclinação predominante à direita e elaborada em gravação em V.

Os espaços interlineares são um pouco mais irregulares aumentando nas duas últimas linhas, apenas por uma questão estética, face ao espaço vazio existente.

É honorífica, em honra de Magnêncio, dado que a inscrição se apresenta em dativo, embora o dedicante seja anónimo.

Segundo a nossa leitura, bem como a de outros autores, apresenta a milha XXXI. Contudo, Luciano dos Santos (1979) lê milha trinta.

Tem uma sapata com 19 cm de altura, embora forme uma única peça, tal como o miliário referido anteriormente.

D · N  
MAGNO  
MAGNENTIO  
IMPERATORI  
AVG  
P · F  
B · N · R · P · N ·  
XXXI

D · N ·  
MAGNO  
MAGNENTIO  
IMPERATORI  
AVG  
P · F  
B · N · R · P · N ·  
XXXI

(CAPELLA 1895, 235) (CUNHA 1909 [1979], 106)

D · N MAGNO MAGNENTIO IMPERATORI AVG P · F B · N · R · P · N · XXX	D · N MAGNO MAGNENTIO IMPERATORI AVG P · F B · N · R · P · N · XXXI
---	--

(SANTOS 1979, 34) (Transcrição actual)

**Transcrição:** D(*omino*) · N(*ostro*) / MAGNO / MAGNENTIO / IMPERATORI / AVG(*vsto*) / P(*ii*) · F(*elice*) / B(*ono*) · N(*at.*) · R(*ei*) · P(*ubl.*) · N(*ostro*) · / XXXI

**Leitura:** *Ao nosso Senhor o Grande Imperador Magnêncio, Augusto, Pio Feliz, Nosso bom e (?) público rei. Trinta e uma (milhas a Braga).*

**Cronologia:** Entre 350 e 353 - séc. IV d.C.

**Paradeiro:** Suporte do alpendre da capela de S. Bartolomeu (do lado esquerdo).

**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** CIL II, 6225; ARGOTE 1734, 619, nº1011; ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; SARMENTO 1882, 143; VIEIRA 1886, 122-123; CAPELLA 1895, 235; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; FEIO, 1926, 9; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; ARAÚJO 1962, 10 e 1982, 204-216; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 44, 45, 97, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-38; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/28. JOSÉ VIVES, DATA nº 1805, 216; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 32).

**Nº 6 - ROM 33**

**MILIÁRIO DE JULIANO, o Apóstata**

**Proveniência real:** Lugar do Crasto (cota 160 - onde existem três marcos), próximo da ponte romana, a cerca de 1300 metros do local onde se encontra actualmente.

**Matéria-prima:** granito de grão grosso.

**Dimensões** (em centímetros):

**Altura** - 175;

**Campo epigráfico:** 70 (?);

Média das letras: 10 (?);  
Média dos espaços interlineares: (?);  
**Largura** - Campo epigráfico: (?);  
**Diâmetro:** 65;  
**Perímetro:** 192.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, pelo que não foi possível fazer o seu desenho, nem medir com alguma exactidão as letras que a compõem.

A inscrição está incompleta e muito erodida, pelo que actualmente é praticamente ilegível. Pelo facto temos de transcrever uma leitura feita em 1946 (SANTOS 1979, 35).

Foi elaborada com caracteres actuários (actualmente muito ténues), em gravação em V, num único campo epigráfico, disposto em oito linhas.

D N ..... ..... ..... ..... ..... .....	DN ... P · CLAUDIO IVLIANO VICTORI AC TRIV(M)PHATORI (PE)RPETVO SE(MP · ) AVG · XXXII
---	--

(CUNHA 1909 [1979], 108)

(SANTOS 1979, 35)

D N

(Transcrição actual)

**Transcrição:** D(*omino*) N(*ostro*) / [IM]P(*eratori*) · CLAUDIO / IVLIANO / VICTORI AC / TRIV[M]PHATORI / [PE]RPETVO / SE[MP(*er*) · ] AVG(*vsto*) · / XXXII

**Leitura:** *Ao nosso Senhor, o Imperador Cláudio Juliano, Vencedor e Triunfador Perpétuo, Sempre Augusto. Trinta e duas (milhas a Braga).*

**Cronologia:** Entre 360 e 363 - séc. IV d.C..

**Paradeiro:** Adro da capela de S. Bartolomeu.

**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001.

**Bibliografia:** ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; VIEIRA 1886, 122-123; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; OLIVEIRA 1976,

44, 45, 97, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-38; ARAÚJO 1982, 204-216; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/28; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 33).

**Nº 7 - ROM 34 - MILIÁRIO DE MAXIMINO E MÁXIMO**

**Proveniência real:** desconhecido visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão grosso.

**Dimensões** (em centímetros):

**Altura** - 153;

**Campo epigráfico** existente: 102;

**Letras:**

**L1:** nº1: 10,5; nº2: 9; nº3: 9; Ponto distinguente: 2; nº4: 8,5; nº5: 9,8; nº6: 10,5; nº7: 11,5; Ponto distinguente: 2; nº8: 10,5; Ponto distinguente: 1,5; nº9: 10; nº10: 10,5; nº11: 10,5; Ponto distinguente: 1,5; nº12: 10,5; nº13: 11; nº14: 11; Ponto distinguente: 2; nº15: 12; nº16: 11; nº17: 11; nº18: 10; nº19: 10,5;

**L2:** nº1: 10,2; Ponto distinguente: 2; nº2: 10,5; nº3: 10,8; nº4: 11; nº5: 10; nº6: 10,5; nº7: 11,5; nº8: 11; nº9: 11; nº10: 11; nº11: 10,2; nº12: 11; Ponto distinguente: 3; nº13: 10,5; nº14: 11,5; nº15: 10;

**L3:** nº1: 11; nº2: 10,4; nº3: 11,5; Ponto distinguente: 2; nº4: 11,5; nº5: 11; nº6: 12; nº7: 11; Ponto distinguente: 1,8; nº8: 10,2; nº9: 10; nº10: 12,3; Ponto distinguente: 3,2;

**L4:** nº1: 10,5; nº2: 11,4; nº3: 10,3; Ponto distinguente: 2,8; nº4: 10,2; nº5: 10,4; nº6: 9; nº7: 10,5; Ponto distinguente: 2,3; nº8: 10,4; nº9: 9,4; nº10: 11,6; Ponto distinguente: 2,8; nº11: 11,2; Ponto distinguente: 1,8; nº12: 9,5; nº13: 9; nº14: 9,5; Ponto distinguente: 2; nº15: 11; nº16: 9,9; nº17: 9;

**L5:** nº1: 9; nº2: 9; nº3: 10; Ponto distinguente: 2; nº4: 10,2; nº5: 10,3; nº6: 11,1; Ponto distinguente: 2; nº7: 8; nº8: 7,5; nº9: 8,1; nº10: 10,5; Ponto distinguente: 2,5; nº11: 11; nº12: 11,5; nº13: 10; nº14: 10; nº15: 10,1; nº16: 12; nº17: 11; nº18: 12; nº19: 12,3;

**L6:** nº1: 9,5; nº2: 9,8; nº3: 11,9; nº4: 11,5; Ponto distinguente: 3,4; nº5: 10,5; nº6: 11; nº7: 12,9; Ponto distinguente: 3; nº8: 12; nº9: 10; nº10: 9,9; Ponto distinguente: 3,5; nº11: 10; nº12: 10,2; nº13: 11; nº14: 9,5; nº15: 9,5; nº16: 11,5; nº17: 12;

**L7:** nº1: 9,5; nº2: 9,8; nº3: 11,8; nº4: 11,4; Ponto distinguente: 3,2; nº5: 10,1; nº6: 11; nº7: 12,5; Ponto distinguente: 3; nº8: 12; nº9: 10; nº10: 9,7;

Ponto distinguente: 3,5; nº11: 10,1; nº12: 10,2; nº13: 11;

**L8:**(?);

**L9:**(?);

Média das letras: 10,56;

Espaços interlineares: nº1: 3,5; nº2: 3; nº3: 4; nº4: 3,5; nº5: 2,5; nº6: 3,8;

Média dos espaços interlineares: 3,38;

**Largura** - Campo epigráfico: 174;

**Diâmetro:** 74;

**Perímetro:** 235.

**Descrição:** Coluna miliária em razoável estado de conservação, visto faltar-lhe a parte inferior, e, conseqüentemente, parte da inscrição. Desconhece-se a milha.

A inscrição foi elaborada em capital actuária, em gravação em V, muito profunda (c. de 1 cm - provavelmente foi reavivada modernamente) e pontos distinguentes entre as palavras, num único campo epigráfico, disposto actualmente em sete linhas. Em tempos idos se conseguiam-se ler nove linhas.

A inscrição é honorífica, em honra de Maximino e do seu filho Máximo.

IMP · CAES · G · IVL · VER · MAXIM  
P · F · AVG · GERM · MAX · DAC  
MAX · SARM · MAX · PONT  
MAX · TRIB · POT · V · IMP · VII  
PAT · PAT · CONS · PROCONS · ET  
C · IVL · VER · MAX · NOB · CAES  
GERM · MAX · DAC · MAX  
SARM · MAX · PRINCEPS  
sic IVENT · F · D · N ...

(CAPELLA 1895, 172)

IMP · CAES · G · IVL · VER · MAXIM  
P · F · AVG · GERM · MAX · DAC  
MAX · SARM · MAX · PONT  
MAX · TRIB · POT · V · IMP · VII  
PAT · PAT · CONS · PROCONS · ET  
C · IVL · VER · MAX · NOB · CAES  
GERM · MAX · DAC · MAX  
SARM · MAX · PRINCEPS  
IVENT · F · D · N · ...

(ALMEIDA 1979, 147)

IMP · CAES · G · IVL · VER · MAXIM  
 P · F AVG GERM MAX · DAC  
 MAX · SARM · MAX ·  
 MAX · TRIB · POT · V · IMP · VII  
 PAT · PAT · CONS · PROCONS ET  
 C · IVL · VER · MAX · NOB · CAES  
 GERM · MAX · DAC · MAX

(Transcrição actual)

Transcrição: IMP(eratori) · CAES(ar) · G(ermano) · IVL(io) · VER(o) · MAXIM(o) / P(ivs) · F(elix) AVG(vsto) GERM(anico) MAX(imo) · DAC(io) / MAX(imo) · SARM(ento) · MAX(imo) / [PONT(ifex)] / MAX(imus) · TRIB(unicia) · POT(estate) · V · IMP(eratori) · VII / PAT(er) · PAT(riae) · CONS(vl) · PROCONS(vl) ET / C(lavdio) · IVL(io) · VER(o) · MAX(imo) · NOB(re) · CAES(ar) / GERM(anico) · MAX(imo) · DAC(io) · MAX(imo) / [SARM(ento) · MAX(imo) · PRINCEPS / IVENT · F(ilio) · D(omino) · N(ostro) · ...]

**Leitura:** *Ao Imperador César Germano Júlio Vero Maximino, Pio Feliz, Augusto, Germano Máximo, Dácio Máximo, Sarmento Máximo, Pontífice Máximo, investido no Poder Tribunício pela quinta vez, sétimo Imperador, Pai da Pátria, Consul, Procônsul e a Cláudio Júlio Vero Maximino, Nobre César, Germano Máximo, Dácio Máximo, Sarmento Máximo, Filho do Príncipe Imperial, Nosso Senhor ...*

**Cronologia:** Entre 235 e 238 - séc. IV d. C..

**Paradeiro:** Adro da capela de S. Bartolomeu.

**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** ARGOTE 1734, 619, nº1011; CIL II, 6228; ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; VIEIRA 1886, 122-123; CAPELLA 1895, 172; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 44, 45, 97, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-38; ARAÚJO 1982, 204-216; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/28; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 34).

Nº 8 - ROM 35

**MILIÁRIO DE MAXIMINO DAIA (Maximino II)**

**Proveniência real:** desconhecida visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão grosso.

**Dimensões** (em centímetros):

**Altura** - 165;

**Campo epigráfico:** (?);

**Letras:**

**L1:** nº1: 5,5; nº2: 10;

**Média das letras** (existentes): 7,5 (?);

**Média dos espaços interlineares:** (?);

**Largura** - Campo epigráfico: (?);

**Diâmetro:** 40;

**Perímetro:** 151.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, visto estar muito erodida pelo que actualmente se encontra praticamente ilegível, só se conseguindo definir algumas letras. Em tempos foi possível transcrevê-la (SANTOS 1979, 32), como tal, adoptaremos essa leitura.

DN  
 GALERIO  
 VALERIO  
 MAX SIMINO  
 IMPERATORI

(SANTOS 1979, 32)

**Transcrição:** D(omino) N(ostro) / GALERIO / VALERIO / MAXSIMINO (sic) / IMPERATORI

**Leitura:** *Ao Nosso Senhor, o Imperador Galério Valério Maximino ...*

**Cronologia:** Entre 305 e 313 - séc. IV d.C.

**Paradeiro:** Adro da capela de S. Bartolomeu.

**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; VIEIRA 1886, 122-123; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 44, 45, 97, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-34; ARAÚJO 1982, 204-216; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/28; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 35).



**Nº 9 - ROM 36 - MILIÁRIO ANEPÍGRAFO****Matéria-prima:** granito de grão grosso.**Dimensões** (em centímetros):**Altura:** 95;**Diâmetro:** 55/59;**Perímetro:** 184.**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, visto estar muito erodida, pelo que actualmente está ilegível. Segundo alguns autores é anepígrafo.**Paradeiro:** Adro da capela de S. Bartolomeu.**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.**Bibliografia:** ALMEIDA 1866, 26; LEAL 1878, 258; VIEIRA 1886, 122-123; CAPELLA 1895, 235; DIAS 1903, 265-266; CUNHA 1909 [1979], 97-108; VIANA 1926, 43; CORREIA 1957, 23 e 35; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 30-38; ARAÚJO 1982, 204-216; ALARCÃO 1988a, 1/28; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 36).**Nº 10 - ROM 39****MILIÁRIO DE CARACALA****Localização actual:** Costa.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 159,2; Y = 547,6.

Altitude: 210 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhecida visto faltar-lhe a milha.**Matéria-prima:** granito de grão fino.**Dimensões** (em centímetros):**Altura** - 160;

Campo epigráfico existente: 135;

Letras:

L1: nº1: 8; nº2: 7,5; nº3: 7,5; nº4: 7; nº5: 8; nº6: 7; nº7: 7,25; Ponto distinguente: 1; nº8: 8; nº9: 8,15; nº10: 8,25; nº11: 7,5; Ponto distinguente: 1; nº12: 8; nº13: 7,8;

L2: nº1: 7; nº2: 7,8; nº3: 8; nº4: 8; nº5: 8,2; nº6: 7,5; nº7: 7,8; nº8: 8,3; nº9: 8,5; nº10: 8,5; nº11: 7; nº12: 8;

L3: nº1: 8; nº2: 7,8; nº3: 7,5; nº4: 7,5; nº5: 7,4; nº6: 7,8; nº7: 8; nº8: 9; nº9: 8; nº10: 8,4; nº11: 8,3; nº12: 8,5;

L4: nº1: 8,3; nº2: 8; nº3: 8,5; nº4: 8,5; nº5: 8,5;

nº6: 8,5; nº7: 8,6; nº8: 8; nº9: 8,4; nº10: 8,5; nº11: 8,5; nº12: 8,5;

L5: nº1: 7,8; nº2: 8; nº3: 8; nº4: 7,8; nº5: 7,6; nº6: 7,6; nº7: 7,6; nº8: 8; nº9: 7,9; nº10: 7,5; nº11: 7,5;

L6: nº1: 7,4; nº2: 7; nº3: 7,4; nº4: 7,1; nº5: 7; nº6: 6,5; nº7: 6,5; nº8: 6,5; nº9: 6,6; Ponto distinguente: 1; nº10: 6,5; nº11: 6,6;

L7: nº1: 6,5; Ponto distinguente: 0,5; nº2: 7,2; nº3: 6,5; nº4: 7; nº5: 7; nº6: 7,3; nº7: 7,2; nº8: 7,8; nº9: 7,4; nº10: 7;

L8: nº1: 7; nº2: 7,1; nº3: 7,5; nº4: 7,5; Ponto distinguente: 0,5; nº5: 7,5; nº6: 7,5;

L9: nº1: 7,5; nº2: 7,5; nº3: 7,5; nº4: 7,5; Ponto distinguente: 0,8; nº5: 7,5; nº6: 7,5;

L10: nº1: 7,4; nº2: 7,6; nº3: 7,6; nº4: 8; nº5: 7,6; nº6: 8;

L11: nº1: 7,5; nº2: 7,6; nº3: 7,3; nº4: 7,4; nº5: 7,4; nº6: 7,6; nº7: 7,5; nº8: 7,5;

L12: nº1: 7; nº2: 7; nº3: 7; nº4: 7; Ponto distinguente: 1; nº5: 7; nº6: 7; nº7: 7,3;

L13: nº1: 7,4; nº2: 7,3; nº3: 7,5; nº4: 7,5; nº5: 7,4; nº6: 7,4; nº7: 7; nº8: 7,5;

L14: nº1: 6,5; nº2: 7; nº3: 7; nº4: 6,5; nº5: 7; nº6: 7,2;

Média das letras: 7,49;

Espaços interlineares: nº1: 4; nº2: 2,5; nº3: 2; nº4: 2,8; nº5: 2,8; nº6: 2,2; nº7: 3,8; nº8: 3; nº9: 3,5;

nº10: 2,8; nº11: 3; nº12: 3; nº13: 4,5;

Média dos espaços interlineares: 3,06;

**Largura** - Campo epigráfico: 97;**Diâmetro:** 68;**Perímetro:** 209.**Descrição:** Foi encontrado, por volta de 1894, em obras de desaterro de adro da igreja Românica de Rubiães. Na altura estava a servir de sepultura, juntamente com muitas outras do século XIII.

Coluna miliária em bom estado de conservação. Foi reaproveitada para sepultura antropomórfica em época medieval, sem, contudo, lhe terem danificado o campo epigráfico.

A inscrição está incompleta, não se conseguindo ler a milha, pelo facto de estar, talvez, enterrada.

A epígrafe em caracteres actuários foi elaborada em gravação em V, possuindo pontos distinguentes entre algumas palavras, num único campo epigráfico, disposto em catorze linhas visíveis.

A inscrição é honorífica, em honra de Caracala, apesar de alguns autores afirmarem ser dedicada a Marco Aurélio.

IMPCAES · DIVI · SE  
 DIVIMARCI ANT  
 DIVIANTONINI  
 DIVIHADRIANI ABNEP  
 DIVITRAIANI  
 DIVINERVAE AD  
 M · AVRELIO A O  
 PART · MAX  
 BRIT · MAX  
 GERMANIC ·  
 PONTIFIC · M  
 TRIB · POT  
 COS III · P P  
 A BRACA ...

(CAPELLA 1895, 143)

IMP CAES · DIVI · SE  
 DIV MARCI ANT  
 DIV ANTONINI  
 DIV HADRIANI ABNEP  
 DIV TRAIANI  
 DIV NERVAE AD  
 M · AVRELIO A O  
 PART · MAX  
 BRIT · MAX  
 GERMANIC ·  
 PONTIFIC · M  
 TRIB · POT  
 COS III · P P  
 A BRACARA

...

e

IMP · CAES · DIVI · SEVERI · PII · FIL  
 DIV · MARCI · ANTONINI · PII NEP  
 DIV · ANTONINI · PII PRONEP  
 DIV HADRIANI ABNEP  
 DIV TRAIANI · PAR · ET  
 DIV · NERVAE · ADNEP ·  
 M · AVRELIO · ANTONINO PIO FEL·AVG ·  
 PART · MAX·  
 BRIT · MAX·  
 GERM · MAX ·  
 PONTIFIC · MAX ·  
 TRIBVNI · POT · IMP · III  
 COS · IIII · P · P · PROCONS ·  
 A BRACARA AVG · M ·  
 ?

(CUNHA 1909 [1979], 103 e 104)

IMP CAES · DIVI · SE  
 DIVI MARCI ANT  
 DIVI ANTONINI  
 DIVI HADRIANI ABNEP  
 DIVI TRAIANI  
 DIVI NERVAE AD  
 M · AVRELIO A ... O  
 PART · MAX  
 BRIT · MAX  
 GERMANIC  
 PONTIFICI · M  
 TRIB · POT  
 COS IIII · PP ·  
 A BRACARA

...

(ALMEIDA 1979, 146)

IMP CAES · DIVI · SE  
 DIVI MARCI ANT  
 DIVI ANTONINI  
 DIVI HADRIANI  
 DIVI TRAIIA II  
 DIVI NERVAE · AD  
 M · AVRELIO A O  
 PART · MA  
 BRIT · MA  
 GERMAN  
 PONTIFIC  
 TRIB · POT  
 COS IIII · P  
 A BRACA

(Transcrição actual)

Transcrição: IMP(erator) CAES(ar) · DIVI · SE(mper) / DIVI MARCI ANT(onio) / DIVI ANTONINI / DIVI HADRIANI [ABNEP(ot)] / DIVI TRAIIA[N]I / DIVI NERVAE AD / M(arco) · AVRELIO A...O / PART(ico) · MA[X](imo) / BRIT(anico) · MA[X](imo) / GERMAN[IC](o) / PONTIFIC[I · M](aximo) / TRIB(vnícia) · POT(estate) / CO(n)S(vl) IIII · P(ater) [P](atriae) · A BRACA[RA] /...

Leitura: Ao Imperador Divino César, Sempre Divino Marco António, Divino Antonino, trineto dos Divinos Adriano, Divino Trajano, Divino Nerva, próximo a Marco Aurélio, Pártico Máximo, Britânico Máximo, Germânico, Pontífice Máximo, investido do Poder Tribunício, Consul pela quarta vez, Pai da Pátria. A Braga ...

Cronologia: 214 - séc. III d.C.

**Paradeiro:** Adro da Igreja Românica de Rubiães.  
**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** CAPELLA 1895, 143-144; CUNHA 1909 [1979], 97-108; MACHADO 1920, 270; PEREIRA 1924, 279; CORREIA 1957, 35; ARAÚJO 1962, 10 e 1982, 218-221; OLIVEIRA 1976, 97 e 171; ALMEIDA 1979, 146; SANTOS 1979, 9-15; E.E. VIII, 245; ALARCÃO 1988a, 1/37; SILVA 1994, 33, 58-65 (ROM 39).

#### Nº 11 - ROM 40 - MILIÁRIO DE AUGUSTO

Este miliário reveste-se de grande importância visto ser o mais antigo desta via, emparceirando com um outro deste imperador, aparecido junto à ponte de Prado. Em relação às vias que ligavam Braga às Astúrias existem apenas miliários de Augusto mais antigos na via de *Aquae Flaviae*: um encontrado na encosta da Serra da Pastoria (em Chaves) e outro em Castro de Avelãs, perto de Bragança. Estes monólitos, por serem mais antigos, dão primazia de construção à via flaviense.

O que agora analisamos foi descoberto em Junho de 1894.

**Localização actual:** Crasto.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 158,93; Y = 548,13.

Altitude: 175 metros

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** Estaria na encosta leste do Monte do Alto da Cidade, onde se situa a Cidade de Romarigães, perto do lugar da Azenha do Ribeiro (altitude de 240 metros).

**Matéria-prima:** granito de grão médio.

**Dimensões** (em centímetros):

**Altura** - 244;

**Campo epigráfico:** 82;

**Letras:**

L1: nº1: 8; nº2: 8; nº3: 8; nº4: 8; nº5: 9; nº6: 9; nº7: 8,5;

L2: nº1: 8; nº2: 9; Ponto distinguente: 2; nº3: 9; nº4: 7,5; nº5: 9; nº6: 8;

L3: nº1: 8; nº2: 10; Ponto distinguente: 1,5; nº3: 10,5; nº4: 10; nº5: 9;

L4: nº1: 11; nº2: 9; nº3: 10; nº4: 9; nº5: 9; nº6: 9; nº7: 9; nº8: 10; nº9: 9,75; nº10: 9; nº11: 9; nº12: 9,25; nº13: 9; nº14: 9; nº15: 9;

L5: nº1: 10; nº2: 9; nº3: 9; nº4: 8,5; nº5: 8; nº6:

9; nº7: 9; nº8: 8; nº9: 8,75; nº10: 9,5; nº11: 9; nº12: 9; nº13: 10,5; nº14: 11; nº15: 9,5;

L6: nº1: 8; nº2: 8; nº3: 7,5; nº4: 9,5; nº5: 9; nº6: 8; nº7: 10; nº8: 9; nº9: 10,5;

Média das letras: 8,91;

Espaços interlineares: nº1: 5,8; nº2: 4,5; nº3: 3,5; nº4: 2,8; nº5: 2;

Média dos espaços interlineares: 3,72;

**Largura** - Campo epigráfico: 66;

**Diâmetro:** 52;

**Perímetro:** 169.

**Descrição:** Coluna miliária em bom estado de conservação, com a epígrafe completa, elaborada com caracteres actuários, com inclinação predominante à direita. A gravação é em V e possui pontos distinguentes entre as palavras, num único campo epigráfico, disposto em seis linhas.

A inscrição é honorífica, em nominativo, em honra de Augusto (o mesmo que Octaviano) e apresenta a milha XXX.

Abaixo da milha tem embutida uma argola de ferro.

IMP · CAESAR · DIVI  
 F · AVG · PONT · MAXI  
 MVS ... MP XX · CON  
 SVL · XIII TRIB · POT ...  
 XXXIV · PATER · PATRI ...  
 A BRAC · XXX

(CAPELLA 1895, 83)

IMP · CAESAR · DIVI  
 F · AVG · PONT · MAXI  
 MVS ... MP XX · CON  
 SVL · XIII TRIB POT ...  
 XXXIV · PATER PATRI ...  
 ABRAC · XXX

(ALMEIDA 1979, 146)

I CAESAR  
 VG · PONT  
 V S · M PX  
 SVL XIII TRIB POTE  
 XXXIV PATER PATRI  
 ABBRAC XXX

(Transcrição actual)

Transcrição: I[MP](erator) [-] CAESAR [- DIVI]  
 / [F(ilio) · A]VG(vsto) · PONT(ifici) · [MAXI /  
 M]VS · MP X[X · CON] / SVL [-] XIII TRIB(vnicia)

POTE(*state*) ... / XXXIV [-] PATER PATRI(*ae*) ...  
/ AB BRAC(*ara*) [-] XXX

**Leitura:** *Ao Imperador César, filho do Divino Augusto, Pontífice Máximo, vigésimo, Consul pela décima terceira vez, investido no Poder Tribunício pela trigésima quarta vez, Pai da Pátria. A Braga trinta (milhas).*

**Cronologia:** Apesar de todos os autores apresentarem uma cronologia entre 11 e 12 - séc. I d. C., este deve ser relativamente mais tardio, dado que o título de *Pai da Pátria* só aparece depois do ano 13 d.C.

**Paradeiro:** Na entrada da Quinta do Crasto, em Rubiães.

**Observações:** Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** CAPELLA 1895, 83; BRANDÃO 1904, 462-465; CUNHA 1909 [1979], 97-108; PEREIRA 1926, 279; CORTEZ 1951, 23; ALMEIDA 1979, 120-123, 146-147; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 45; SANTOS 1979, 9-15; ARAÚJO 1982, 222-225; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/33; E.E. VIII, 244; SILVA 1994, 34, 58-65 (ROM 40).

#### Nº 12 - ROM 41

##### MILIÁRIO DE VALENTINIANO I

**Localização actual:** Crasto.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 158,93; Y = 548,13.

Altitude: 175 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhecida visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão médio a grosso.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 200;

Campo epigráfico: (?);

Letras: (?)

Média das letras: 9 (?);

Espaços interlineares: (?);

Média dos espaços interlineares: (?);

Largura - Campo epigráfico: (?);

Diâmetro: 48;

Perímetro: 160.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, com a epígrafe incompleta.

Epígrafe elaborada em caracteres actuários, em gravação em V, num único campo epigráfico, disposto actualmente em seis ou sete linhas, dependendo do autor.

A inscrição é honorífica, em honra de Valentiniano I.

É impossível efectuar-se um estudo da epígrafe, não só devido à erosão, mas também pelo facto de o miliário estar enterrado pela parte onde se situa a epígrafe, está, pois, virado ao contrário com a epígrafe de forma inversa, apenas se decifrando algumas letras da parte final da epígrafe. Está bastante danificado, com vários sulcos, e a servir de esteio de ramada.

DN  
VALENTINIANO  
VICTORI HAC  
TRIVMPHA  
TORI PERPET ...  
SEMPER  
AVGVSTO

(CAPELLA 1895, 243)

DN  
VALENTINIANO  
VICTORI HAC  
TRIVMPHATORI  
PERPET  
... SEMPER  
AVGVSTO ...

(SANTOS 1979, 19)

DN  
VALENTINIANO  
VICTORI HAC  
TRIVMPHA  
TORI PERPET ...  
SEMPER AVGVSTO

(ALMEIDA 1979, 146)

**Transcrição:** D(*omino*) N(*ostro*) /  
VALENTINIANO / VICTORI HAC / TRIVMPHA /  
TORI PERPET[VO] / SEMPER AVGVSTO

**Leitura:** *Ao Nosso Senhor Valentiniano, Vencedor e Triunfador Perpétuo, Sempre Augusto ...*

**Cronologia:** Entre 364 e 375 - séc. IV.

**Paradeiro:** Suporte de ramada, na Quinta do

Crasto, Rubiães. Na altura em que M. Capella referiu a sua descoberta (1894), segurava uma videira na residência de Gaspar Teixeira.

Este miliário é dos mais modernos da Península. **Observações:** Luciano dos Santos (1979) propõe a milha V ou VI. A ser verdade este miliário originalmente estaria no lugar de Negreiros, Corga, à saída de Prado.

Classificado como Monumento Nacional (Via romana de Braga a Tui - 14 miliários, série Capela), por Decreto de 16-6-1910. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160500.001. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** CAPELLA 1895, 243-244; BRANDÃO 1904, 462-465; CUNHA 1909 [1979], 97-108; ALMEIDA 1968; OLIVEIRA 1976, 171; ALMEIDA 1979, 122-123, 146-147; SANTOS 1979, 9-15; ARAÚJO 1982, 222-225; ALARCÃO 1988, 91 e 1988a, II, 1/33; E.E. VIII, 246; SILVA 1994, 34, 58-65 (ROM 41).

#### Nº 13 - ROM 42

##### MILIÁRIO DA QUINTA DO CRASTO

**Localização actual:** Crasto.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 158,93; Y = 548,13.

Altitude: 175 metros

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhecida visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão fino.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura (actual): 78;

Diâmetro: 46;

Perímetro: 144.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, faltando-lhe, eventualmente, uma grande parte (a inferior), onde estaria a epígrafe. Encontra-se deitada, faltando-lhe toda a epígrafe, se a teve.

**Paradeiro:** Terrenos da Quinta do Castro.

**Bibliografia:** SILVA 1994, 34, 58-65 (ROM 42).

#### CONCELHO DE VILA NOVA DE CERVEIRA - FREGUESIA DE SAPARDOS - (16.10.12)

#### Nº 14 - ROM 46

##### MILIÁRIO DA CAPELA DE S. BRÁZ

**Localização actual:** Capela de S. Bráz.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 157,3 ; Y = 549,8.

Altitude: 200 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhece-se visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito de grão médio.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 48;

Campo epigráfico: (?);

Média das letras: 10;

Espaços interlineares: nº1: 4;

Média dos espaços interlineares: 4;

Largura - Campo epigráfico: (?);

Diâmetro: 62 x 38;

Perímetro: 194.

**Descrição:** Coluna miliária em mau estado de conservação, restando menos um terço, em altura e metade, em largura. A epígrafe está incompleta, só restando a parte final. Foi elaborada em gravação em V, num único campo epigráfico, disposto actualmente em uma linha.

...  
BRACA ...VG M .

(Transcrição actual)

**Transcrição:** BRACA(ra) [A]VG(usta) M(ilia) .  
**Leitura:** A Braga (?) mil (passos).

**Cronologia:** impossível de atribuir com precisão.

**Paradeiro:** Adro da capela de S. Bráz.

**Observações:** Classificado como Imóvel de Interesse Público, por Decreto de 5-12-1961, com o nº 44.075. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160520.004. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** ALMEIDA 1979, 174; ARAÚJO 1982, 230; ALARCÃO 1988a, 1/12; SANTOS 1979, 14, 38-44; SILVA 1994, 58-65.

#### Nº 15 - ROM 47

##### MILIÁRIO DE CONSTÂNCIO I

**Localização actual:** Ranhadoura (?).

Altitude: 205 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 7, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** desconhece-se visto faltar-lhe a milha.

**Matéria-prima:** granito.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 157;

Campo epigráfico: (?);

Altura das letras: variam entre 4,5, 6,5 e 8,5;

Espaços interlineares: (?)

Média dos espaços interlineares: (?);

Largura - Campo epigráfico: (?);

Diâmetro: 43 x 33;

Perímetro: 150.

**Descrição:** Coluna miliária em razoável estado de conservação. A epigrafe está incompleta, elaborada em gravação em V, sem pontos distinguentes entre as palavras, num único campo epigráfico, disposto em cinco ou oito linhas, dependendo dos autores.

O seu mau estado de conservação tem levantado muitas dúvidas na transcrição, pelo que também impossibilita a medição e desenho das letras.

A inscrição é honorífica, em honra de Constâncio I, embora também seja apontando Constâncio II (ALMEIDA 1979).

MINO NO  
CONSTANTIO  
DIVI CONST  
MAXIMINO  
POT

(*Gente Minhota* 1926, 9)

MINO NO  
CONSTANTIO  
DIVI CONST  
MAXIMINO  
POT

(ALMEIDA 1979, 147)

IM ... OMINO NOSTRO  
FLA  
... ONSTANTIO MAXIMO  
VICTORI RIVMPHATORI AVGVST  
DIVI CONSTANTINI MAXIMI  
FILIO DIVO RVM FLAVIO CNTANTI  
ET VALERI MAXIMIANI NEPOTI  
CLAVDI<sup>o</sup> PRONEPOTI ...

(SANTOS 1979, 42)

Transcrição: [D]OMINO NOSTRO / FLA(vio)  
[C]ONSTANTIO MAXIMO / VICTORI

[T]RIVMPHATORI AVGVST(o) / DIVI  
CONSTANTINI MAXIMI(no) / FILIO DIVORVM  
FLAVIO C[O]N[S]TANTI / ET VALERI MAXIMIANI  
NEPOTI / CLAVDI<sup>o</sup> PRONEPOTI ...

**Leitura:** *Ao Nosso Senhor Flávio Constâncio Máximo, Vencedor e Triunfador Augusto, Filho do Divino Constantino Máximo, Neto dos Divinos Flávio Constante e Valério Maximiano, Bisneto de Cláudio ...*

**Cronologia:** Entre 292 e 306 - séc. II/III d.C.

**Paradeiro:** Em Ranhadoura (?).

**Observações:** Classificado como Imóvel de Interesse Público, por Decreto de 5-12-1961, com o nº 44.075. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160520.004. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** *Gente Minhota* 1926, 9; ALMEIDA 1979, 147; ARAÚJO 1982, 230; ALARCÃO 1988a, 1/12; SANTOS 1979, 14, 38-44; SILVA 1994, 58-65.

**Nº 16 - ROM 48**

**MILIÁRIO DE MAXIMINO DAIA**

**Localização actual:** Monte da Gandara ou Gandra.

Altitude: 200 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 7, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Proveniência real:** Couto das Cabras (com 240 metros de altitude), nas proximidades da Cividade de Cossourado, a NE, na actual freguesia de Cossourado.

**Matéria-prima:** granito.

**Dimensões** (em centímetros):

Altura - 167;

Campo epigráfico: (?);

Altura das letras: variam entre 9, 10 e 11;

Espaços interlineares: (?);

Média dos espaços interlineares: (?);

Largura - Campo epigráfico: (?);

Diâmetro: 39;

Perímetro: 122,46 (calculado).

**Descrição:** Coluna miliária em razoável estado de conservação. A epigrafe está incompleta, elaborada em gravação em V, sem pontos distinguentes entre as palavras, num único campo epigráfico, disposto em seis linhas.

A inscrição é honorífica, em honra de Valeriano (Galério Valério Maximino) segundo Brochado de Almeida (1979), e de Maximino Daia, segundo Luciano dos Santos, que apresenta também outras hipóteses. Quanto a nós pensamos tratar-se de Maximino Daia dado a fórmula de trata-

mento assemelhar-se mais: IMP CAESAR GALERIVS VALERIVS MAXIMINVS AVG. Dado que não nos foi possível encontrar este miliário, persistem as dúvidas em relação à sua epígrafe e aos dados contidos nela. Apresenta a milha XXXVIII (sic).

DIVI ALERIO  
VALERIO  
MAXIMINO NOB  
CAES  
MP  
XXXVIII

(*Gente Minhota* 1926, 9)

DIVI ALERTO  
VALERIO  
MAXIMINO NOB  
CAES  
MP  
XXXVIII

(ALMEIDA, 1979, 147)

**Transcrição:** DIVI ALERTO / VALERIO / MAXIMINO NOB(re) / CAES(ar) / M(ilia) P(asum) / XXXVIII

**Leitura:** Ao Divino Alerto Valério Maximino, Nobre César. (A Braga) trinta e quatro mil passos.

DN GALERIO  
VALERIO  
MAXIMINO NOB  
CAES  
M P  
XXXVIII

(SANTOS, 1979, 38)

**Transcrição:** D(omino) N(ostro) GALERIO / VALERIO / MAXIMINO NOB(re) / CAES(ar) / M(ilia) P(asum) / XXXVIII.

**Leitura:** Ao Nosso Senhor Galério Valério Maximino, Nobre César. (A Braga) trinta e quatro mil passos.

**Cronologia:** Entre 305-309 - séc. IV d.C.

**Paradeiro:** Estaria no Monte da Gandara, reutilizado como suporte de ramada.

**Observações:** Classificado como Imóvel de Interesse Público, por Decreto de 5-12-1961, com o nº 44.075. Inventariado pela D. G. dos

Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160520.004. Nº Nacional de Estação: 868.

**Bibliografia:** *Gente Minhota* 1926, 9; ALMEIDA 1979, 147; ARAÚJO 1982, 230; ALARCÃO 1988a, 1/12; SANTOS 1979, 14, 38-44; SILVA 1994, 58-65.

CONCELHO DE PAREDES DE COURA - FREGUESIA DE RUBIÃES - (16.05.20)

ROM 43 - PONTE ROMANO-MEDIEVAL

Lugar: Ponte Velha.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 159,1; Y = 548,4.

Altitude: 160 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

**Descrição:** Ponte com três arcos, sendo o central mais elevado e mais largo. Conserva as guardas (com 25 centímetros de espessura) em quase toda a extensão da ponte. Está pavimentada com lajes bastante gastas e de grande porte.

Ao centro, a ponte é de dupla rampa, em cavalete, típica solução medieval, e possui um talhamar junto à margem direita, virado a norte. O único arco romano encontra-se do lado leste. O material utilizado é o granito, tendo a ponte três metros de largura.

Atualmente quase não é utilizada. Ainda restam troços do caminho medieval, herdeiro da via romana, na continuidade, de um lado e outro da ponte.

**Acessos:** Pela E.N. 201 e caminho carreteiro, por onde seguia a IV Via, situando-se de forma paralela à Ponte Nova de Rubiães.

**Cronologia:** Segundo A. de Oliveira (1979, 14) a sua construção terá tido lugar entre 100 e 50 a.C.

**Estado de conservação:** razoável.

**Observações:** Classificado como Imóvel de Interesse Público, por Decreto de 5-12-1961, com o nº 44.075. Inventariado pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais com o nº 160520.004. Nº Nacional de Estação: 3526.

**Bibliografia:** CUNHA 1909 [1979], 93 e 559; PEREIRA 1926, 279; CORREIA 1957, 35; ALMEIDA 1968, 204; OLIVEIRA 1976, 99; REIS 1978, 21; ALMEIDA 1979, 120-124, 146-147; ALARCÃO 1988a, 1/33.

## 5. PALAVRAS FINAIS

O estudo agora apresentado não permite, pela falta de escavações, por um lado estabelecer etapas cronológicas precisas sobre a construção, desenvolvimento e declínio da IV Via militar, pois, como vimos, nem todos os miliários nos oferecem elementos seguros para atribuição de uma cronologia, nem, por outro lado, resolver todos das dúvidas existentes sobre o real traçado da via, nesta área.

Assim, este trabalho abre pistas para futuras investigações, servindo este de base, pela quantidade de estações e vestígios catalogados, pela recolha de fontes que elaboramos e pelo ensaio interpretativo que fornece.

Aparentemente, o maior florescimento romano nesta zona, como tentamos comprovar em outros trabalhos (SILVA 1994), ter-se-à registado no século IV, já no Baixo Império, quando se encontrava em franco declínio noutras zonas, como comprovam os materiais detectados (por exemplo, um tesouro monetário) e a reestruturação da via com Valentiniano I, amplamente comprovada, como vimos.

Apesar da importância que a via romana teria tido nesta região, não foi aparentemente motivo de atracção para a fixação dos povos, dado que os achados de espólio nitidamente romano nesta área, são muito poucos, raros mesmo, excepto os miliários.

Embora a via passasse por uma zona bastante fértil e irrigada, a cotas baixas, marginada por extensos vales, não parece, como se referiu, ter sido elemento de atracção. Mais um dado que carece de uma investigação alicerçada em escavações arqueológicas para poder ser confirmado.

O percurso da via, a julgar pelas cotas onde estariam situadas as milhas e os respectivos miliários, segundo locais apontados por vários autores (ALMEIDA 1979), apresenta um perfil em alguns pontos extraordinariamente acidentado entre uma milha e outra (como podemos aferir pelos gráficos apresentados), o que reflecte não só a geomorfologia do terreno mas, uma escolha nem sempre acertada do percurso traçado ou os estudos que têm sido feitos ainda não apuraram o traçado exacto.

Haveria, segundo a nossa leitura, alguns locais mais propícios para a sua implantação, locais esses com menor declive. Em alguns casos,

esses locais coincidem com troços de caminhos medievais (do designado caminho de Santiago) e, regra geral, com caminhos carreteiros ainda hoje utilizados e implantados na cartografia da zona (referente a 1949) e que atravessam a área da bacia superior do rio Coura quase em linha recta, a cotas muito mais homogéneas do que as apresentadas por B. de Almeida (1979).

É provável que tenham existido oficinas de lapidas dada a existência de várias aras (temos notícia de seis - SILVA 1994) e bastantes miliários (possuímos referências a dezassete<sup>(4)</sup>). Evidentemente que outros existiram mas foram destruídos através dos tempos. Pela nossa parte apenas descobrimos um inédito do qual não foi possível fazer a leitura<sup>(5)</sup>.

Contudo, em face da irregularidade da letra (capital actuária), da diversidade de tamanhos, da falta de paginação e do mau aproveitamento do campo, pensamos que seriam lapidas com pouca experiência e que não haveria uma oficina de grande escala ou com continuidade no tempo mas que, conforme as necessidades, se iriam fazendo as peças, sem que houvesse uma especialização da mão de obra, pelo que aliam esta actividade a outras.

- 
- (4) Além dos referidos em texto, Contador de Argote aponta a existência de um miliário que teria sido detectado num regato, próximo da localidade de Antas ("pelo lado da vila"), e que teria sido enterrado nos alicerces de uma ponte aí construída, por volta de 1728 (ARGOTE 1734, 638, nº1039).
- (5) Numa recente deslocação ao local, em que se pôde virar o monólito, foi possível constatar que a epígrafe (se a teve) estaria na parte que foi destruída, pelo que não será possível qualquer leitura.



## 6. BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge. (1980). Os problemas da origem e da sobrevivência das villae romanas no Norte do País. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, 171-179.
- (1988). *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa.
- (1988a). *Portugal*, 2, f.1, Warminster.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado. (1979). A rede viária do conventus Bracaraugustanus. Via Bracara Asturicam Quarta. *Mínia*, 2ª Série, 2 (3), Braga, 61-163.
- (1980). Via Veteris. Antiga Via Romana?. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, 151-170.
- (1990). *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*. Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, Carlos A. F. (1968). *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Porto (políc.).
- ALMEIDA, J. (1866). *Diccionario Abreviado de Chorographia*. 3 vols., Valença.
- ARAÚJO, José R. (1962). *Caminhos velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*. Viana do Castelo.
- (1982). Os miliários da estrada Romana de Braga a Tuy. *O Distrito de Braga*, 2ª série, 5, 121-246.
- ARGOTE, Jerónimo C. (1728). *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustanus*. Lisboa.
- (1732-34). *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga*. Lisboa.
- AZEVEDO, Pedro A. (1896). Extractos Archeológicos das Memórias Parochiais de 1758. *O Archeologo Português*, 3, Lisboa, 305-318.
- BLÁSQUEZ MARTINEZ, José M. (1962). *Religiones Primitivas de Hispania - Fuentes Literarias y Epigráficas I*. Roma.
- (1978). *Historia Economica de la Hispania Romana*, Madrid.
- (1985). Asimilación y resistencia à la romanización entre los pueblos del Norte de Hispania. *Asimilación y Resistencia a la romanización en el Norte de Hispania*, Univesidad del País Vasco, Vitoria, 1985.7-46.
- BRANDÃO, Cunha. (1906). *Ephemerides de Coura*, Tipografia de Costa & Carvalho, Porto.
- CAAMAÑO GESTO, José M. (1977/78). Posible utilizacion de caminos preromanos en epoca romana. *Gallaecia*, 3/4, S. de Compostela, 281-286.
- CAPELLA, Martins. (1895). *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto.
- CARDOSO, L. (1758). *Memorias parochiaes*.
- CORREIA, J. (1957). *Cidades e Vilas de Portugal. Paredes de Coura*. V. N. de Famalicão.
- CORTEZ, F. R. (1951). O culto do Imperador no Conventus Bracaraugustanus. *Bracara Augusta*, Braga, 3 (1), 16-30.
- COSTA, Antonio C. (1868). *Corografia Portuguesa*. I, Lisboa, 261-263.
- CUNHA, Narcizo Candido A. (1909). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 1ª Ed., Paredes de Coura, (2ª Ed., Braga, 1979).
- DIAS, E. Rocha. (1903). *Noticias Archeologicas extrahidas do Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, 264.
- (1908). *Notícias arqueológicas extraídas dos Dicionários de Pinho Leal*. Lisboa.
- Ephemeris Epigraphica*. (1898).
- ENCARNAÇÃO, J. (1975). *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa, 1975.
- Estudos Sumários de Planeamento*. (1983). Plano Director Municipal, G.A.T - Vale do Minho, C.C.R.N., Paredes de Coura.
- ÉTIENNE, R., G. Fabre, P. Le Roux e A. Tranoy. (1976). Les dimensions sociales de la Romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire. *VI Congrès d'Études Classiques* (Madrid 1974), Paris, 95-108.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C. (1986). El impacto romano sobre el habitat del noroeste (estado de la cuestión sobre los fenómenos de transición y articulación del território). *Coloquio de Proto-História e História Antiga da Península Ibérica*, S. Compostela.
- Gente Minhota*. (1926). Noticia de dois marcos miliários. 1, Braga, 9 (o autor provável é Félix Alves Pereira).

- H.O.P. - DGPV, 1978 - Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, nº81 e nº 76, Porto.
- HUBNER, E. (1869/92). *CIL - Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869; *Supplementum*, Berlim, 1892.
- LEAL, P. (1873-1890). *Portugal Antigo e Moderno*. 8 vols., Lisboa.
- MACHADO, L. S. (1920). Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Archeólogo Português*, 24, 241-270.
- MARTINS, M. (1985). (1990). O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado. *Cadernos de Arqueologia*, Monografias, Braga.
- OLIVEIRA, A. L. (1976). *Terras de Coura*. Póvoa de Varzim.
- PEREIRA, Félix A. (1924). Rascunho de Velharias de Entre Lima e Minho. *O Archeólogo Português*, 26, Lisboa, 251-282.  
- (1927-29). Rascunhos de Velharias de Entre Lima e Minho. *O Archeólogo Português*, 28, 155-158.  
- (1927/29). Jornadas de um curioso pelas margens do Lima. *O Archeólogo Português*, 28, 1-51 e 155-158.
- PERICOT GARCIA, L. (1950). *La España Primitiva*, Barcelona.
- PINHEIRO, J. H. (1895/96). *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga e Astorga*. Porto. *Portugaliae Monumenta Historica*. Inquisitiones, I, 382.
- REIS, António P. M. (1978). *A romanização do concelho de Ponte de Lima*. Ponte de Lima 1978.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. (1974). *Hispania y el ejército romano*. Salamanca.  
- (1975). *Itineraria Hispânia*. Valladolid.
- RODRIGUEZ COLMENERO, A. (1976). *La rede viária Romana del Sudeste de Galicia*. Valladolid.
- SANTOS, Luciano A. (1979). Miliários Inéditos da via romana de Braga a Tuy. *Arquivo do Alto Minho*, 24, 4, Viana do Castelo, 3-52.
- SANTOS, L., P. Le Roux e A. Tranoy. (1983). Inscrições Romanas do Museu Pio XII em Braga. *Bracara Augusta*, 37, 83-84 (96-97), Braga.
- SARMENTO, F. M. (1882). Os marcos miliários de S. Bartolomeu de Antas. *A Vida Moderna*, 2, Porto, 1882, 143 (compilado em *Dispersos*, 83-85).  
- (1883). Inscrições Inéditas. *Boletim da Real Associação dos Arquitectos e Archeólogos*, 4, Lisboa, 1883, 84 (compilado em *Dispersos*, 84-85).  
- (1933). *Dispersos*. Coimbra.  
- (1944). Cartas de Martins Sarmiento ao Abade de Tagilde. *Revista de Guimarães*, 54 (3-4), 91-104.
- SILVA, M. Fátima M. (1992). O Castro de Cristelo : apontamentos para o seu estudo. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 1, P. Coura, 37-52.  
- (1993/94). Estações Romanas da Freguesia de Ferreira. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 2/3, P. Coura, 83-96.  
- (1994). *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. *Cadernos de Arqueologia e Património* - Monografias 2, Paredes de Coura.
- TEIXEIRA, C. (1961). *Noticia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-C (Caminha, 1962)*. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.
- TRANOY, A. (1981). *La Gallice romaine, Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris.
- VASCONCELOS, J. L. (1905/1913). *Religiões da Lusitânia*, 3, Lisboa.
- VIEIRA, José A. (1886). *O Minho Pittoresco*, I, Lisboa, 121-141 (Valença, 1987, reedição).
- VIEIRA, A. (1991). Arqueologia em Paredes de Coura. *O Coura*.

NUMERO	LOCALIZAÇÃO ACTUAL		LOCALIZAÇÃO NA VIA (Lugar, cota e freguesia)	NUMERO DA MILHA	IMPERADOR	CRONOLOGIA	EPIGRAFE	Estado de Conservação e Utilização	MATÉRIA PRIMA
	LUGAR	FREGUESIA							
Nº1 - ROM 7	BARREIROS	S. Martinho de Coura	Cascalhal (250m) Romariães	XXVIII (sic) [XIX]	CONSTANTE	333-337 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V; honorífica; completa, nome de quem o colocou - <i>Rovius</i>	Razoável Num caminho	GGM
Nº2 - ROM 8	FORTE DE OLHO	S. Martinho de Coura	(?)	(?)	MAGNÉNCIO	350-353 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau Suporte ramada	GGF
Nº3 - ROM 30	Museu Pio XII Braga	Proveniência Romariães	Entre Braga e Romariães	XX...	VALENTINIANO I	364-375 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais; irregulares, com gravação em V e inclinação predominante à direita; honorífica; incompleta	Mau - Pia porcos Exposição no Museu Pio XII	GGM
Nº4 - ROM 31	ANTAS	Rubiães	Mte. das Contenças (100-150) - Fontoura	XXXVI	NERVA	97 Séc. I d.C.	Caracteres actuais, bem definidos, com gravação em V e inclinação predominante à direita; honorífica; completa	Bom - Coluna em alpendro de capela	GGG
Nº5 - ROM 32	ANTAS	Rubiães	Pereiros (240m) Rubiães	XXXI	MAGNÉNCIO	350-353 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, bem definidos, com gravação em V, inclinação predominante à direita e pontos distinguíveis; honorífica; completa	Bom - Coluna em alpendro de capela	GGM
Nº6 - ROM 33	ANTAS	Rubiães	Crasto (185m) Rubiães	XXXII	JULIANO	360-363 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau Adro capela	GGG
Nº7 - ROM 34	ANTAS	Rubiães	(?)	(?)	MAXIMINO E MAXIMO	235-238 Séc. III d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V e pontos distinguíveis; honorífica; incompleta	Razoável Adro de capela	GGG
Nº8 - ROM 35	ANTAS	Rubiães	(?)	(?)	MAXIMINO DAIA	305-313 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau Adro de capela	GGG
Nº9 - ROM 36	ANTAS (1)	Rubiães	(?)	(?)	ANEPIGRAFO		Anepigrafo	Mau Adro de capela	GGG
Nº10 - ROM 39	COSTA	Rubiães	(?)	(?)	CARACALA	214 Séc. III d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V e pontos distinguíveis; honorífica; incompleta	Razoável Sep. antropométrica, adro capela	GGF
Nº11 - ROM 40	CRASTO	Rubiães	Cidade Romariães (cota - 240m)	XXX	AUGUSTO	11-12 Séc. I d.C.	Caracteres actuais, bem definidos, com gravação em V, inclinação predominante à direita e pontos distinguíveis; honorífica; completa	Bom Quinta	GGM
Nº12 - ROM 41	CRASTO	Rubiães	(?)	(?)	VALENTINIANO I	364-375 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, irregulares, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau Quinta	GGG/M
Nº13 - ROM 42	CRASTO	Rubiães	(?)	(?)	(?)	(?)	(?)	Mau Quinta	GGF
Nº14 - ROM 46	S. Bráz	Sapardos - V.N. de Cerveira	(?)	(?)	(?)	(?)	Caracteres actuais, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau Adro de capela	GGM
Nº15 - ROM 47	Ranhadoura	Sapardos - V.N. de Cerveira	(?)	(?)	CONSTÂNCIO I CLOFO	292-306 Séc. III-IV d.C.	Caracteres actuais, com gravação em V; honorífica; incompleta	Mau	G
Nº16 - ROM 48	Mte. Gandara	Sapardos - V.N. de Cerveira	Couto das Cabras (240) - Cossourado	XXXIII (sic) [XXXIV]	MAXIMINO DAIA	305-313 Séc. IV d.C.	Caracteres actuais, com gravação em V; honorífica; incompleta	Razoável Suporte ramada	G

(1) Existia um outro marco miliário, descoberto em 1728 (ARGOTE 1734, 638, nº1039) mas foi destruído.

NÚMERO	NÚMERO DA MILHA	IMPERADOR	DIMENSÕES ACTUAIS					NÚMERO DE LINHAS (actuais)
			ALTURA (em cm)	DIÂMETRO (em cm)	PERÍMETRO (em cm)	ESPAÇOS INTER-LINEARES Altura Média	LETRAS Altura Média (em cm)	
Nº1 - ROM 7	XXVIII (sic) [XIX]	CONSTANTE	162	45 x 38	149 x 130	1,68	6,71	8
Nº2 - ROM 8	(?)	MAGNÉNCIO	130	42 x 49	152	6,3	9,41	3
Nº3 - ROM 30	XX...	VALENTINIANO I	111	53 x 56	Calculado 171	3	9,44	5
Nº4 - ROM 31	XXXVI	NERVA	231	63	200	4,52	10,39	6
Nº5 - ROM 32	XXXI	MAGNÉNCIO	247	53	197 x 212 x 193	5,11	14,28	8
Nº6 - ROM 33	XXXII	JULIANO	175	65	192	(?)	10 (?)	Seriam 8 (?)
Nº7 - ROM 34	(?)	MAXIMINO E MÁXIMO	153	74	235	3,38	10,56	9
Nº8 - ROM 35	(?)	MAXIMINO DAIA	165	40	151	(?)	7,5 (?)	5
Nº9 - ROM 36	(?)	ANEPIGRAFO	95	55 x 59	184	-	(?)	0
Nº10 - ROM 39	(?)	CARACALA	160	68	209	3,06	7,49	14
Nº11 - ROM 40	XXX	AUGUSTO	244	62	169	3,72	8,91	6
Nº12 - ROM 41	(?)	VALENTINIANO I	200	48	160	(?)	9 (?)	6 ou 7
Nº13 - ROM 42	(?)	(?)	78	46	Calculado 144	(?)	(?)	(?)
Nº14 - ROM 46	(?)	(?)	48	62 x 38	Calculado 194	4	10 (?)	1
Nº15 - ROM 47	(?)	CONSTÂNCIO I CLORO	157	43 x 33	150	(?)	(?)	5 ou 8 (?)
Nº16 - ROM 48	XXXIII (sic) [XXXIV]	MAXIMINO DAIA	167	39	Calculado 122	(?)	10,5 (?)	6
MÉDIA	-	-	-	54,5	174,6	3,863	9,553	-

QUADRO III - MÉDIA DAS LETRAS POR LINHA

Nº DE LINHAS	Nº 1 - ROM 7 CONSTANTE	Nº 2 - ROM 8 MAGNÊNCIO	Nº 3 - ROM 30 VALENTINIANO	Nº 4 - ROM 31 NERVA	Nº 5 - ROM 32 MAGNÊNCIO	Nº 7 - ROM 34 MAXIMINO e MÁXIMO	Nº 10 - ROM 39 CARACALA	Nº 11 - ROM 40 AUGUSTO	Nº 14 - ROM 46 CAPÍS.BRÁZ
Nº1	8,87	10,75	9	10,67	12,25	10,38	7,68	8,21	
Nº2	7,02	9,5	9,43	8,36	12,3	10,71	7,88	8,41	
Nº3	5,49	8	9,37	9,84	14,80	11,09	8,01	9,5	
Nº4	6,02		9,57	9,56	14,42	10,14	8,4	9,33	
Nº5	6,28		9,87	11,01	14,83	10,18	7,75	9,18	
Nº6	6,36			12,94	14,5	10,74	6,82	8,83	
Nº7	8,07				18,9	10,7	7,09		
Nº8	5,6				12,25		7,35		
Nº9							7,5		
Nº10							7,7		
Nº11							7,48		
Nº12							7,04		
Nº13							7,375		
Nº14							6,86		
MÉDIA DA LINHA	6,71	9,41	9,44	10,39	14,28	10,56	7,49	8,91	10

Gráfico 1 - Perfil da IV Via

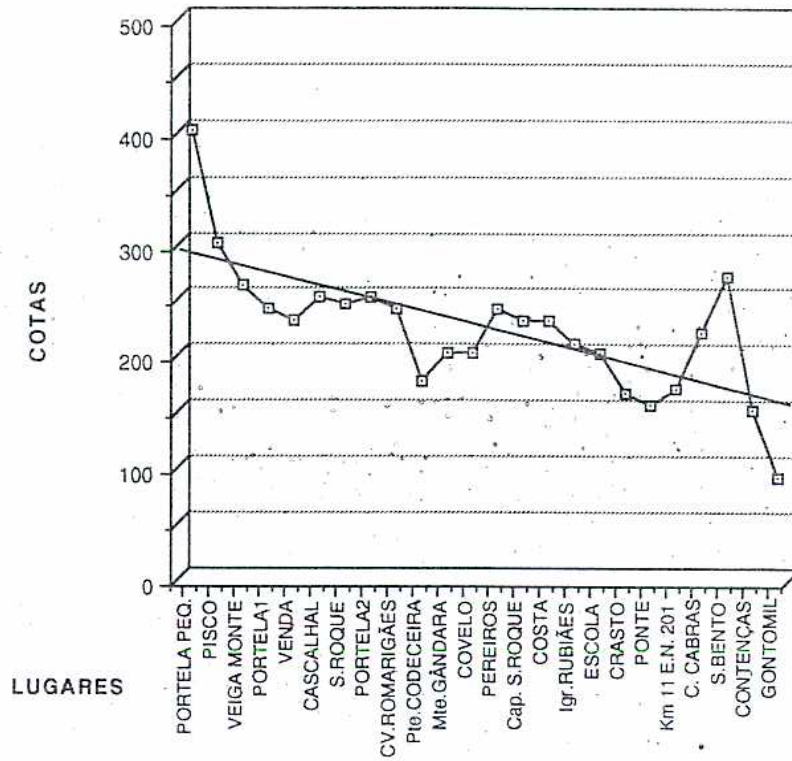


Gráfico 2 - Correlação entre as cotas e as milhas

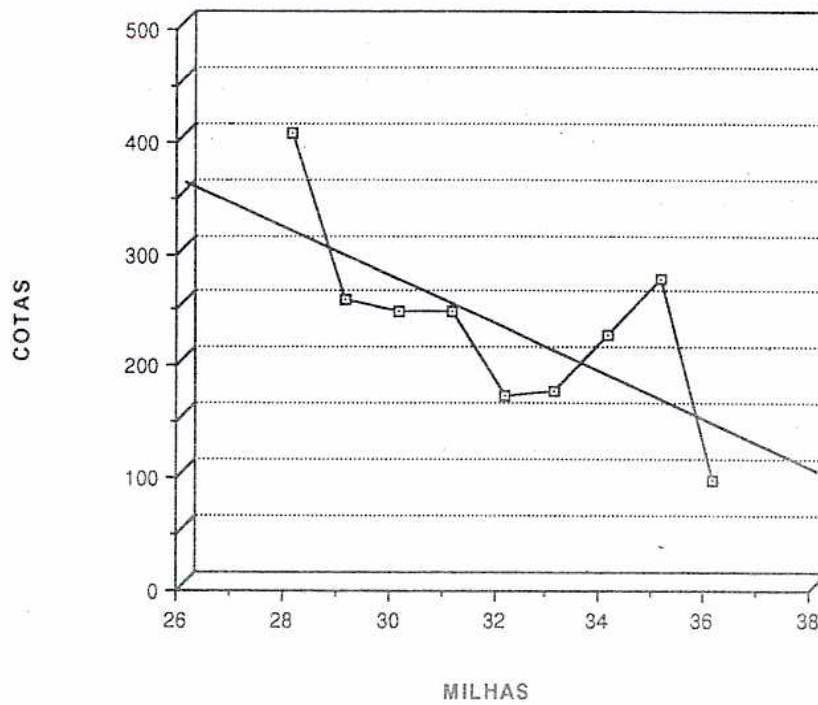


Gráfico 3 - Relação entre os imperadores a que foram dedicados, a cota e a milha

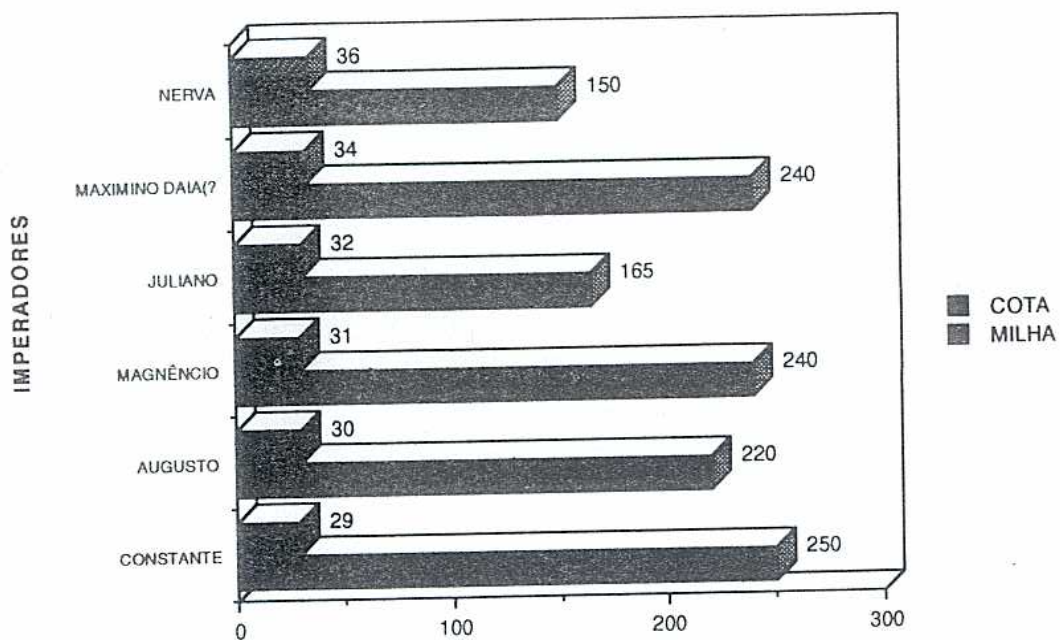


Gráfico 4 - Evolução cronológica dos miliários

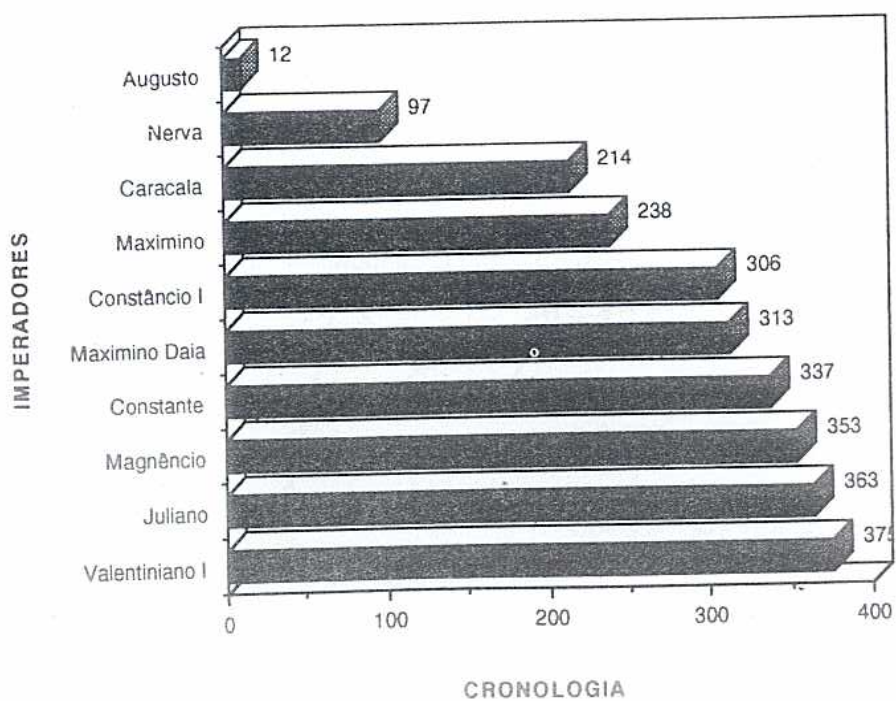


Gráfico 5 - Média das letras e dos espaços interlineares

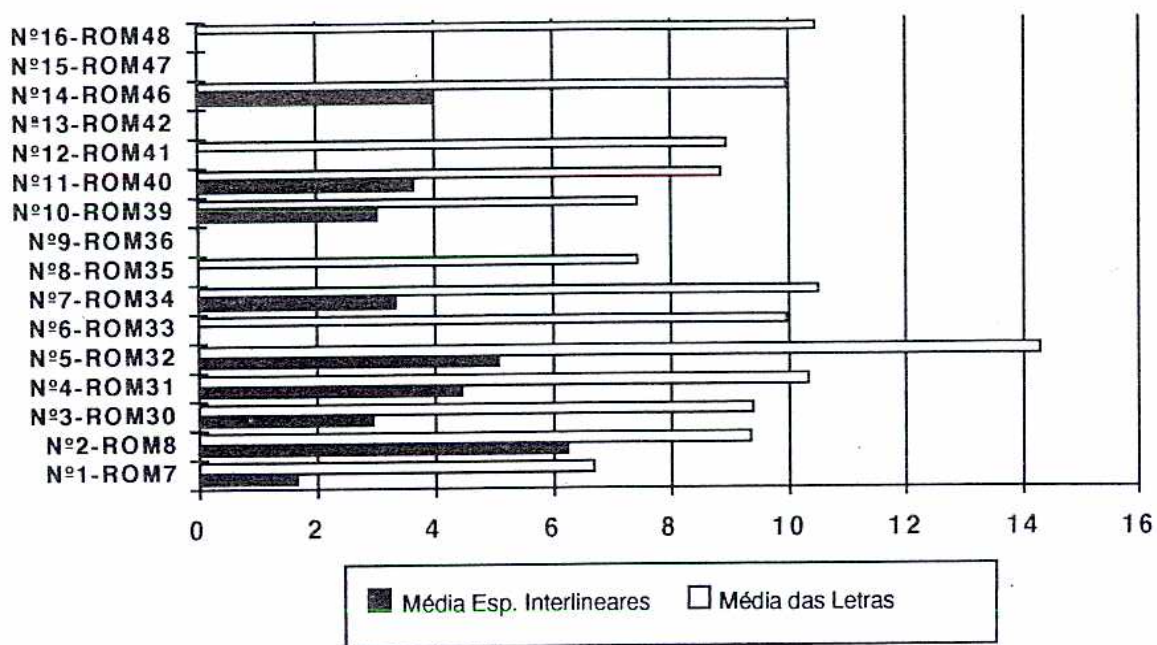
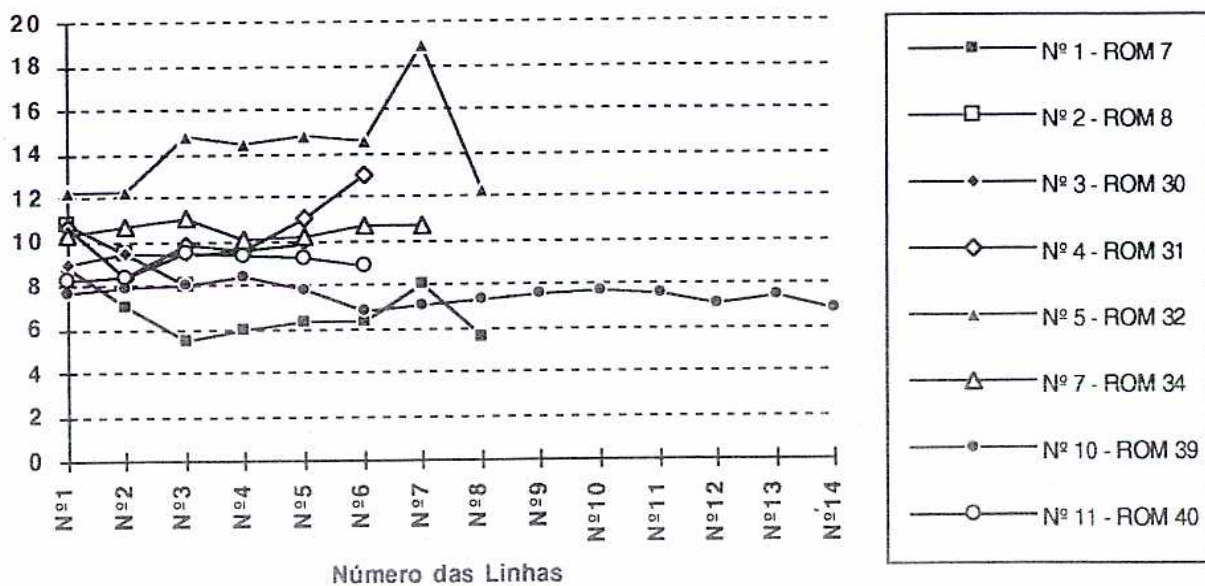
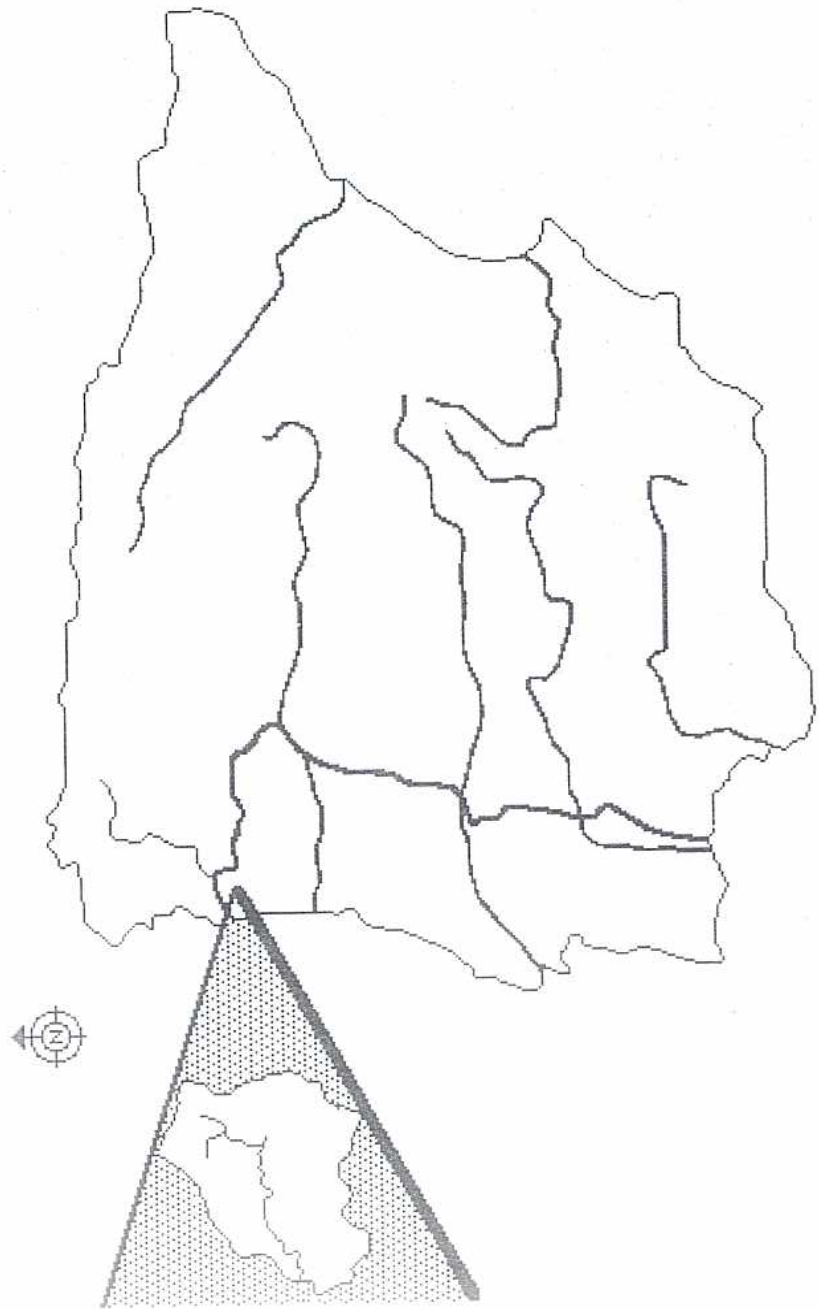


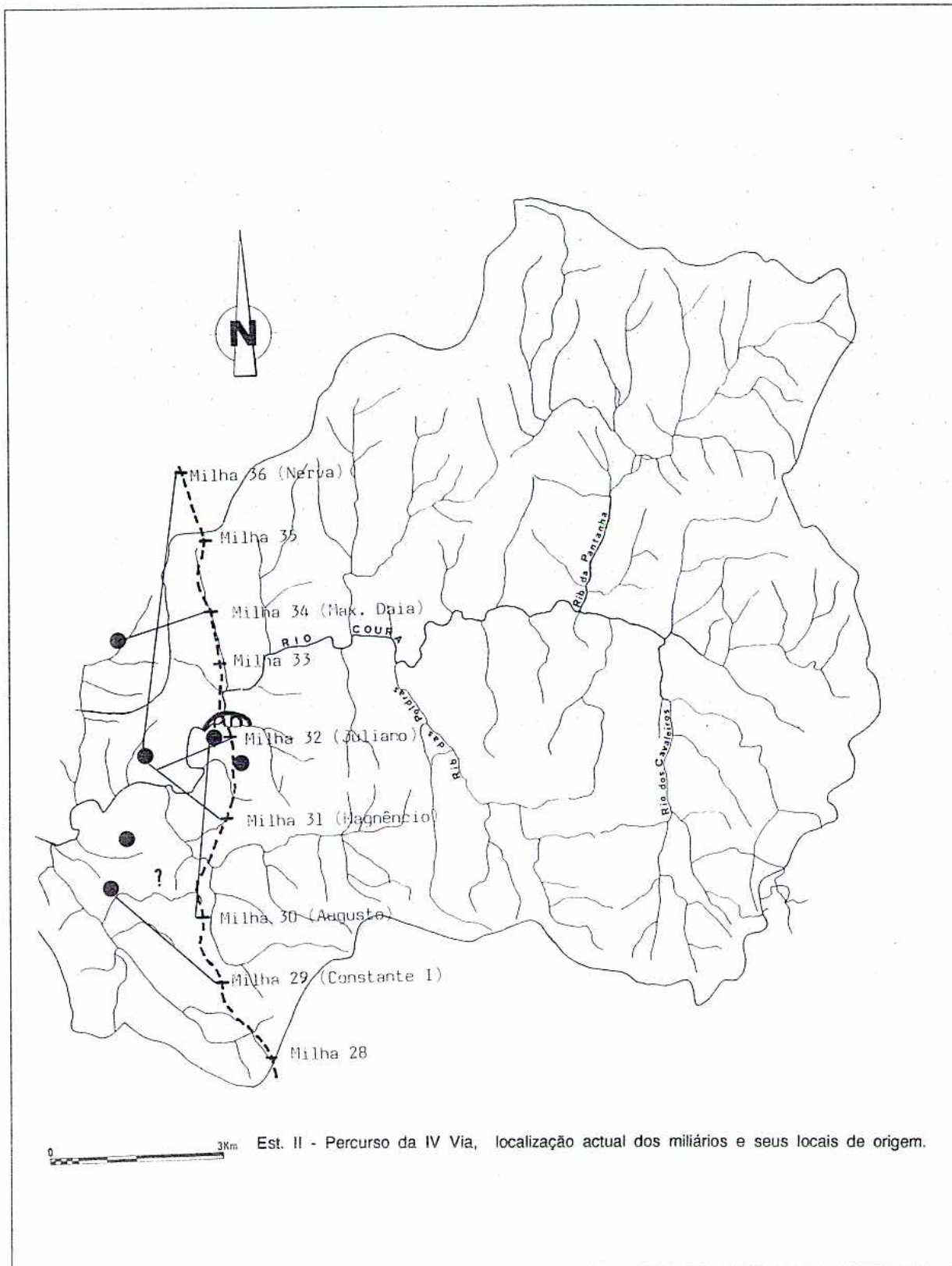
Gráfico 6 - Média das letras por linhas



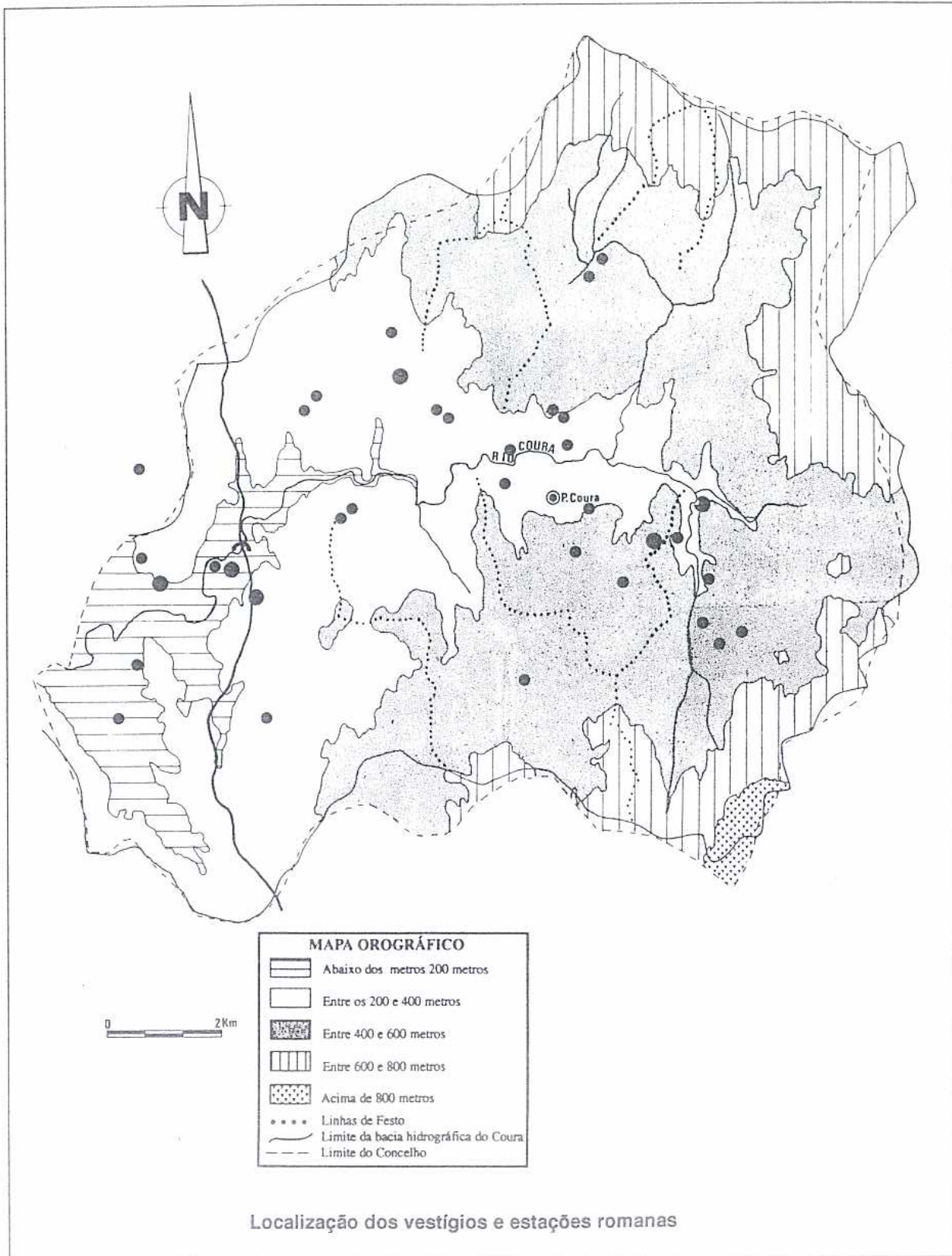




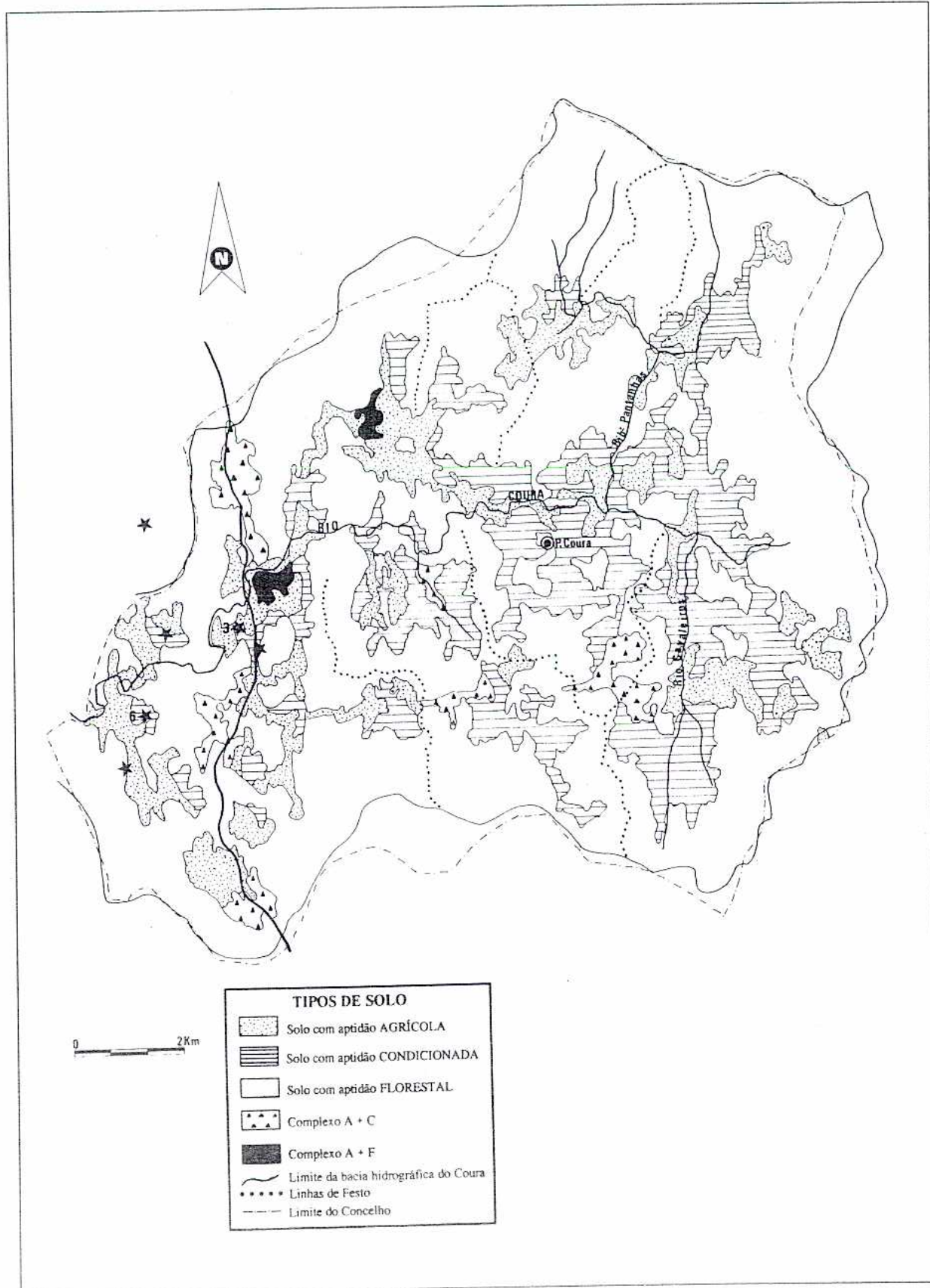
Est. 1 - Localização da bacia hidrográfica do rio Couro na Península Ibérica

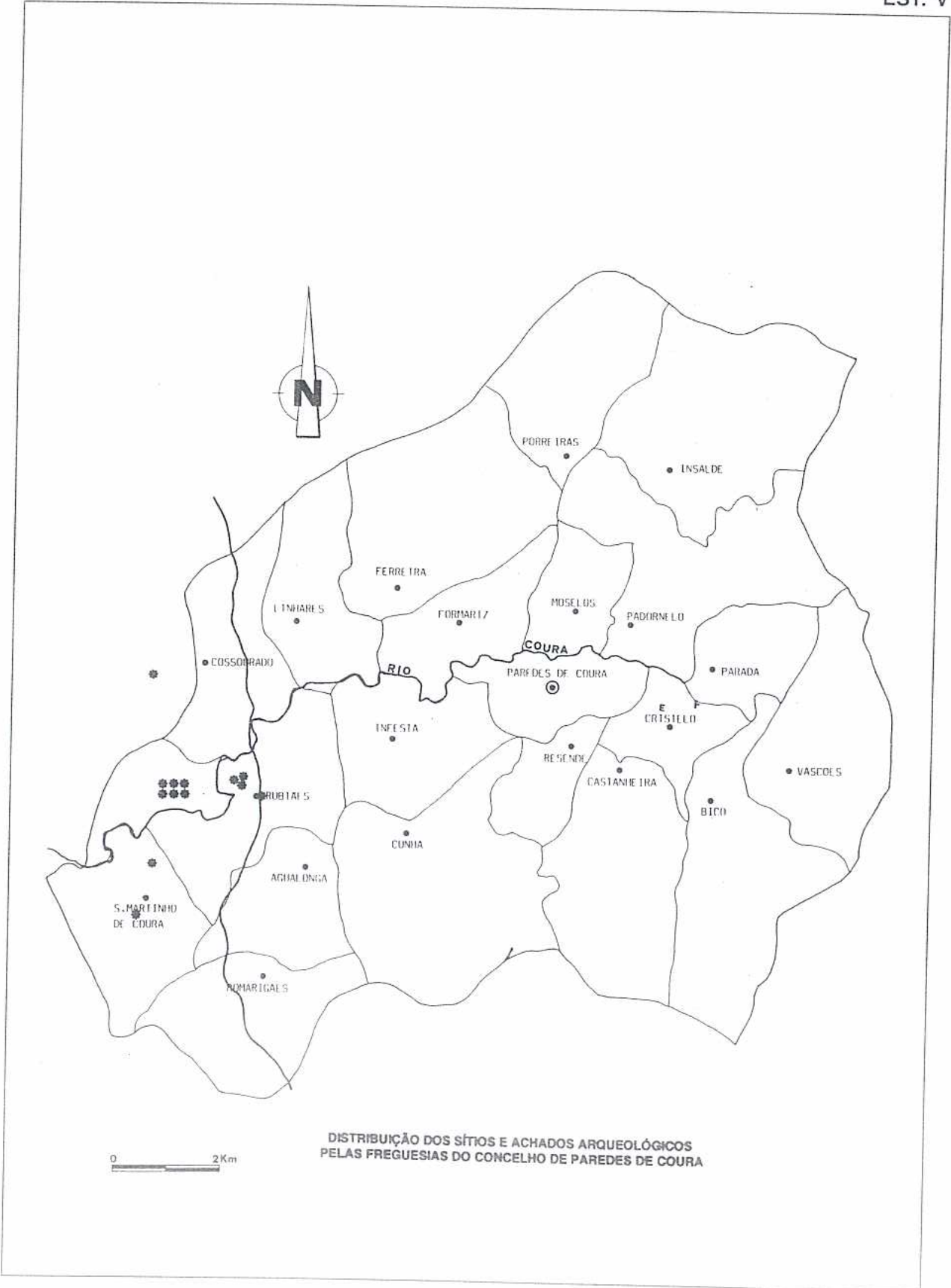


Percurso da IV Via, localização dos miliários e seus locais de origem.

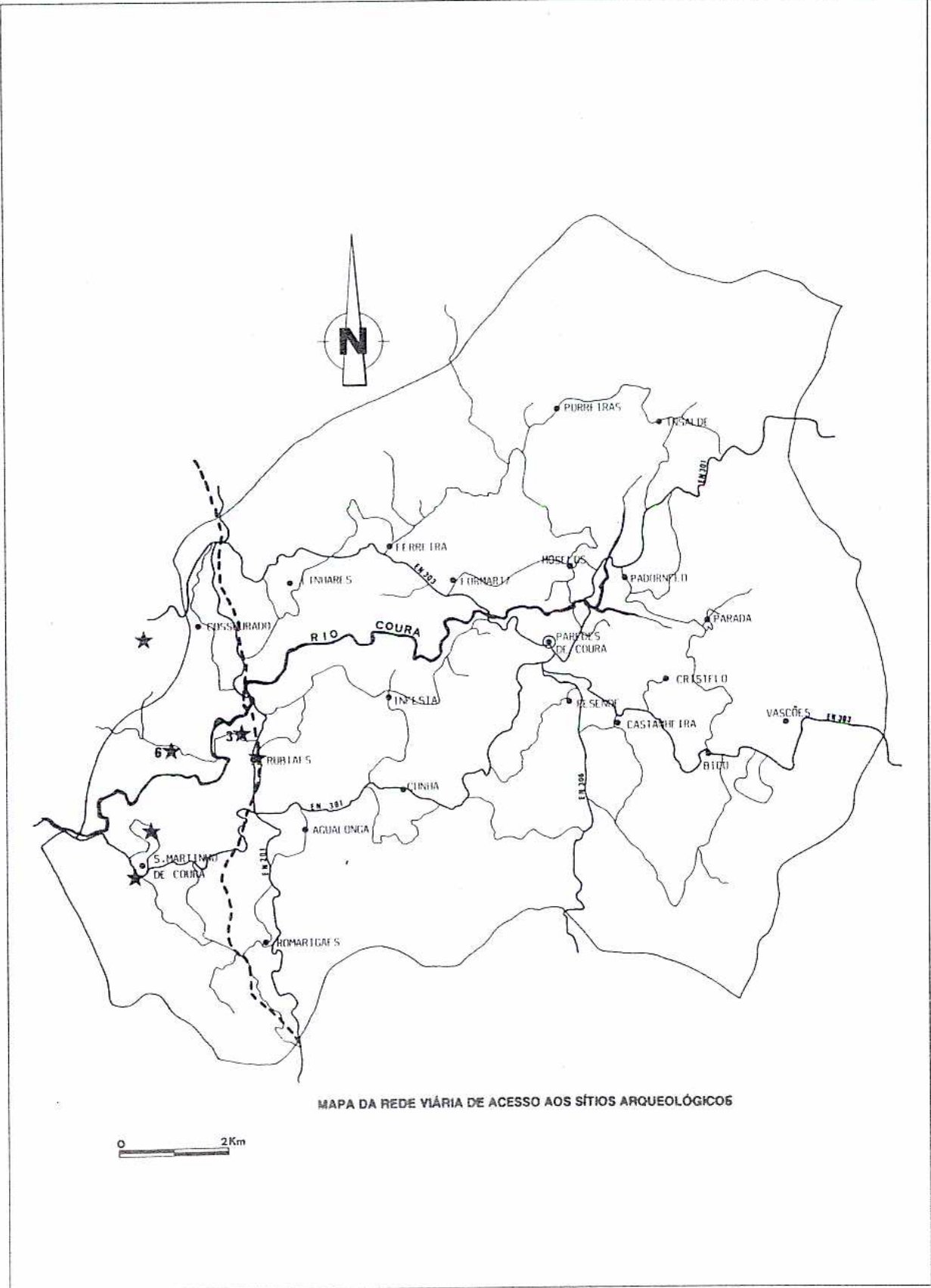


Localização dos vestígios e estações Romanas.





DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS E ACHADOS ARQUEOLÓGICOS  
PELAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE PAREDES DE COURA



DDNN  
CONSTANTE  
NOBILISSIMO  
CAESARI  
POSUIT  
ROVIN  
MILIARIUM  
XXVIII

0

50 cm



Est. VII - Miliário de Constante (Nº1 - ROM 7)  
Barreiros - S. Martinho de Coura

IMPERATORNERV  
CAESAR AVGV  
PM TRIB POT  
PP COS III  
AB BRACARA  
M PXXXVI

0

50 cm

Est. VIII - Miliário de Nerva (Nº4 - ROM 31)  
Antas - Rubiães



D·N  
 MAGNO  
 MAGNENTIO  
 IMPERATORI  
 A VC  
 P·F  
 B·N·R·P·N  
 XXXI

0 50 cm



Est. IX - Miliário de Magnêncio (Nº5 - ROM 32)  
Antas - Rubiães

IMP·CAES·C·IVL·VER·MAXIM  
 P·F·AVC·CERM·MAX·DAC  
 MAX·SARM·MAX·  
 MAX·TRIB·POT·V·IMP·VII  
 PAT·PAT·CONS·PROCONS ET  
 C·IVL·VER·MAX·NOB·CAES  
 CERM·MAX·DAC·MAX

0

50 cm

 Est. X - Milário de Maximino e Máximo (Nº7 - ROM 34)  
 Antas - Rubiães

MPCA ES·DIVI·SE  
 DIVIAM ARCIANT  
 DIVIAN TONINI  
 DIVIHA DRIANI  
 DIVITR AIA II  
 DIVINERVA · AD  
 M·AVRELI·OA O  
 PART·MA  
 BRIT·MA  
 GERMAN  
 PONTIFIC  
 TRIB·POT  
 COS IIII P  
 ABRA CA

0

50 cm



Est. XI - Miliário de Caracala (Nº10 - ROM 39)  
Lugar da Costa - Rubiães

I CAESAR  
VG·PONT  
VS·MPX  
SVL XIII TRIB POTE  
XXXIV PATER PATRI  
ABBRAC XXX

0

50 cm



Est. XII - Miliário de Augusto (Nº11 - ROM 40)  
Lugar do Crasto - Rubiães

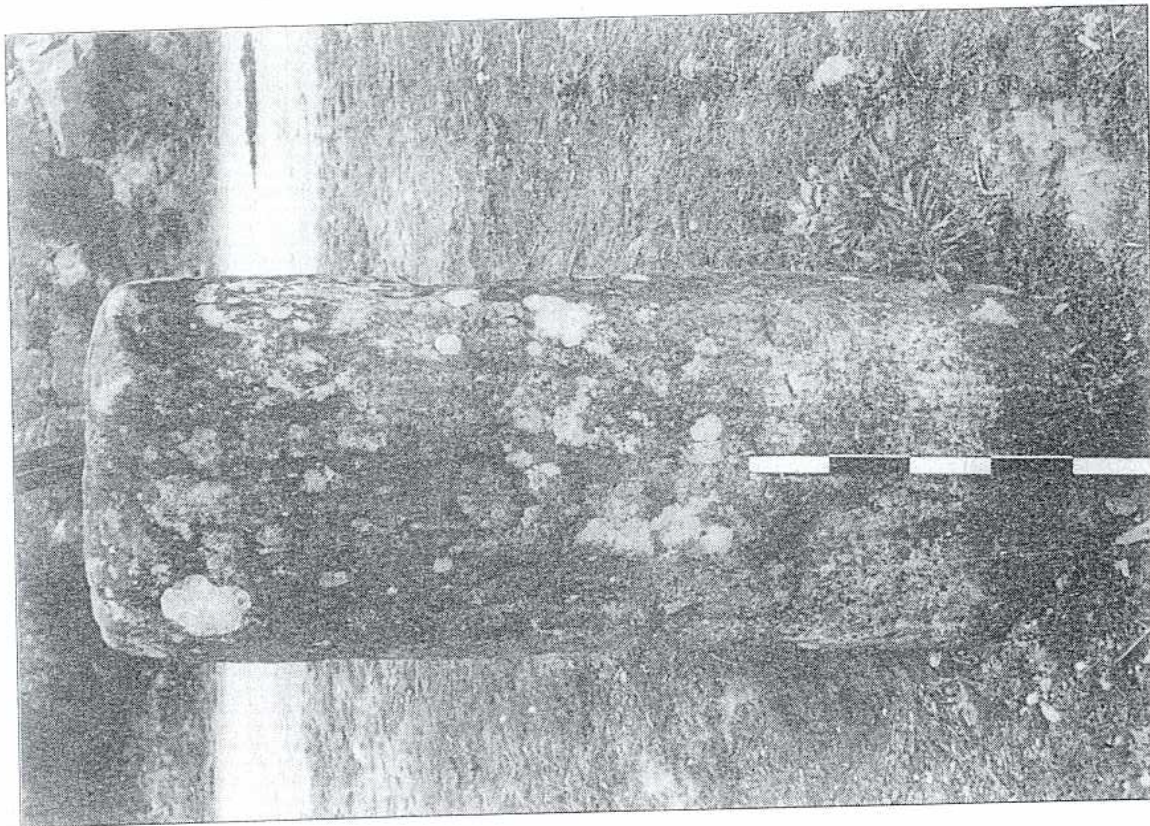


Foto 2 - Miliário de Magnêncio (ROM 8)  
- Fonte de Olho, S. Martinho de Coura.



Foto 1 - Miliário de Constante I (ROM 7)  
- Barreiros, S. Martinho de Coura.



**Foto 3** – Milhário de Valentiniano I (ROM 30).  
Actualmente encontra-se no Museu Pio XII, em Braga.



**Foto 4** – Milhários do adro da capela de S. Bartolomeu, em Antas, freguesia de Rubiães (ROM 31 a 36).

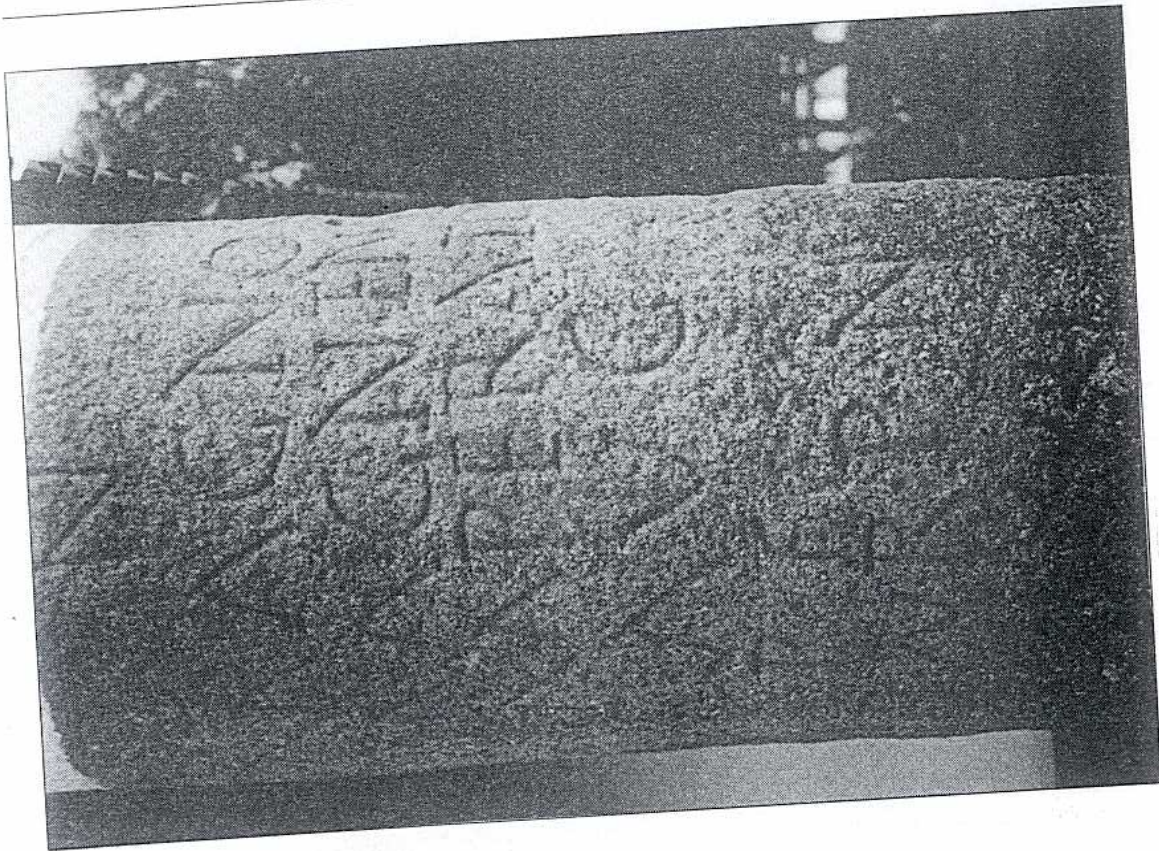


Foto 6 - Miliário de Magnêncio (ROM 32)  
- Capela de S. Bartolomeu, Antas, Rubiães.

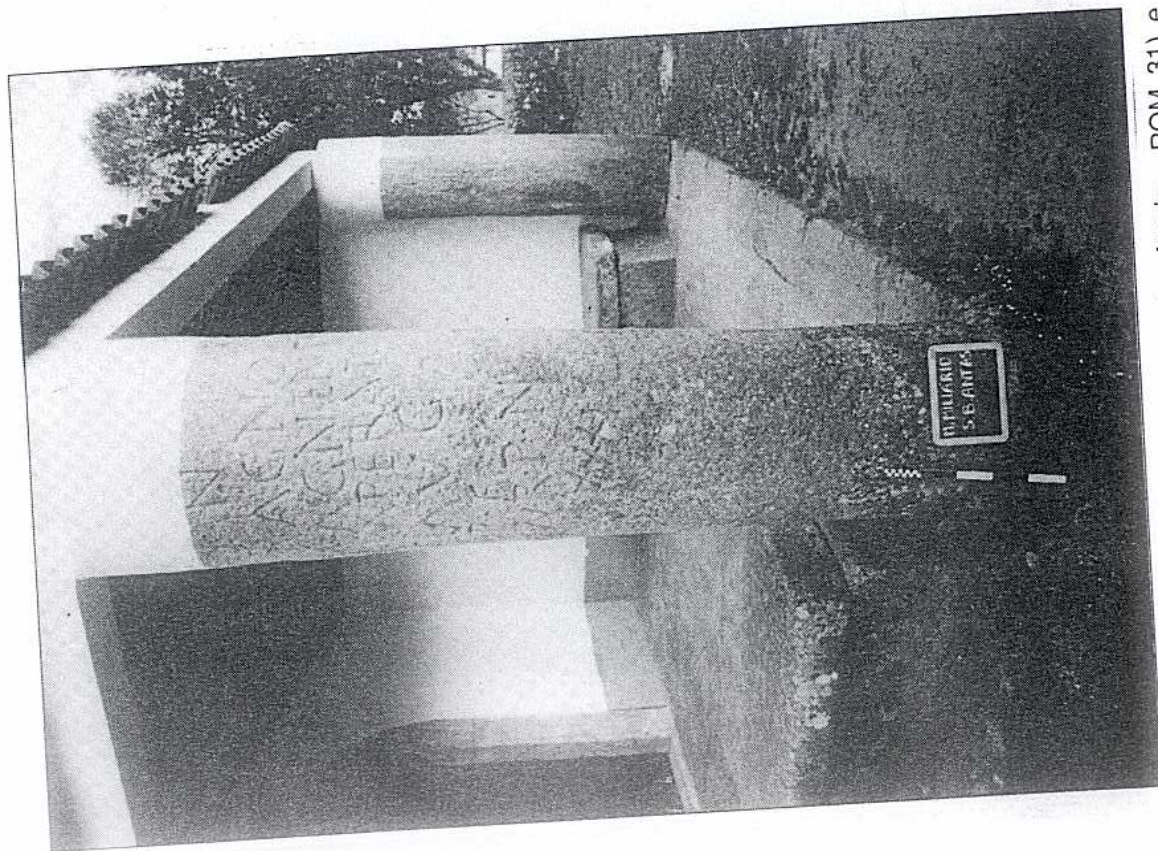


Foto 5 - Miliários de Nerva (ao fundo - ROM 31) e  
de Magnêncio (ROM 32) - Alpendre da  
capela de S. Bartolomeu, Antas, Rubiães.

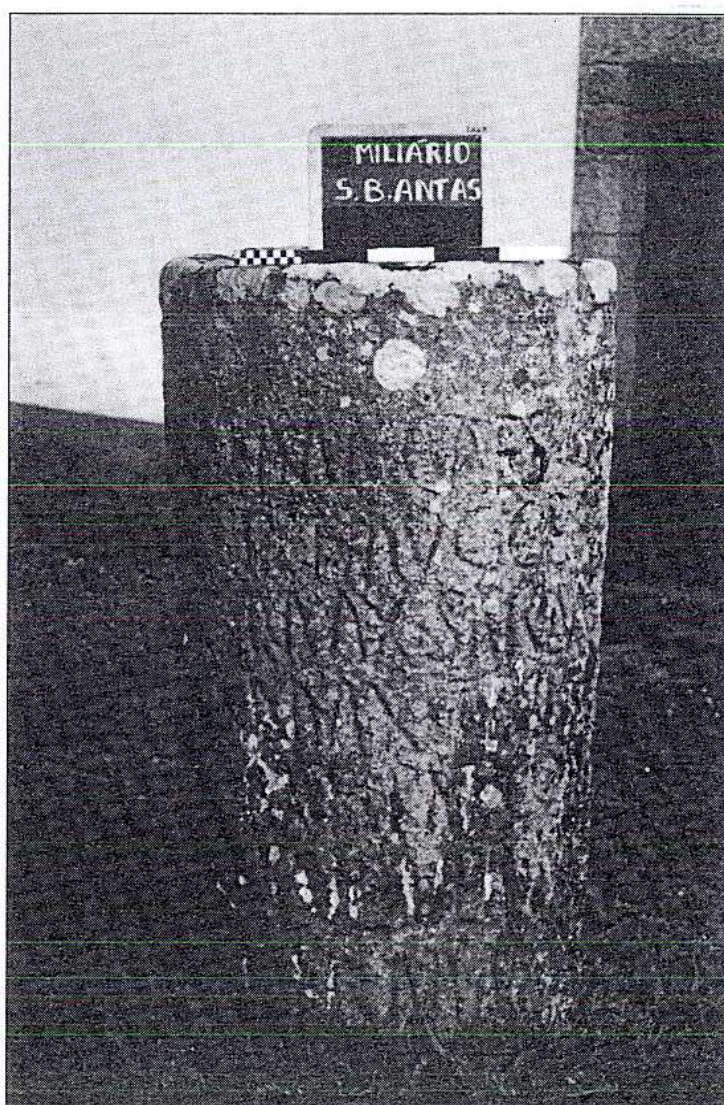


Foto 7 – Milário de Maximino e Máximo (ROM 34)  
- Capela de S. Bartolomeu, Antas, Rubiães.



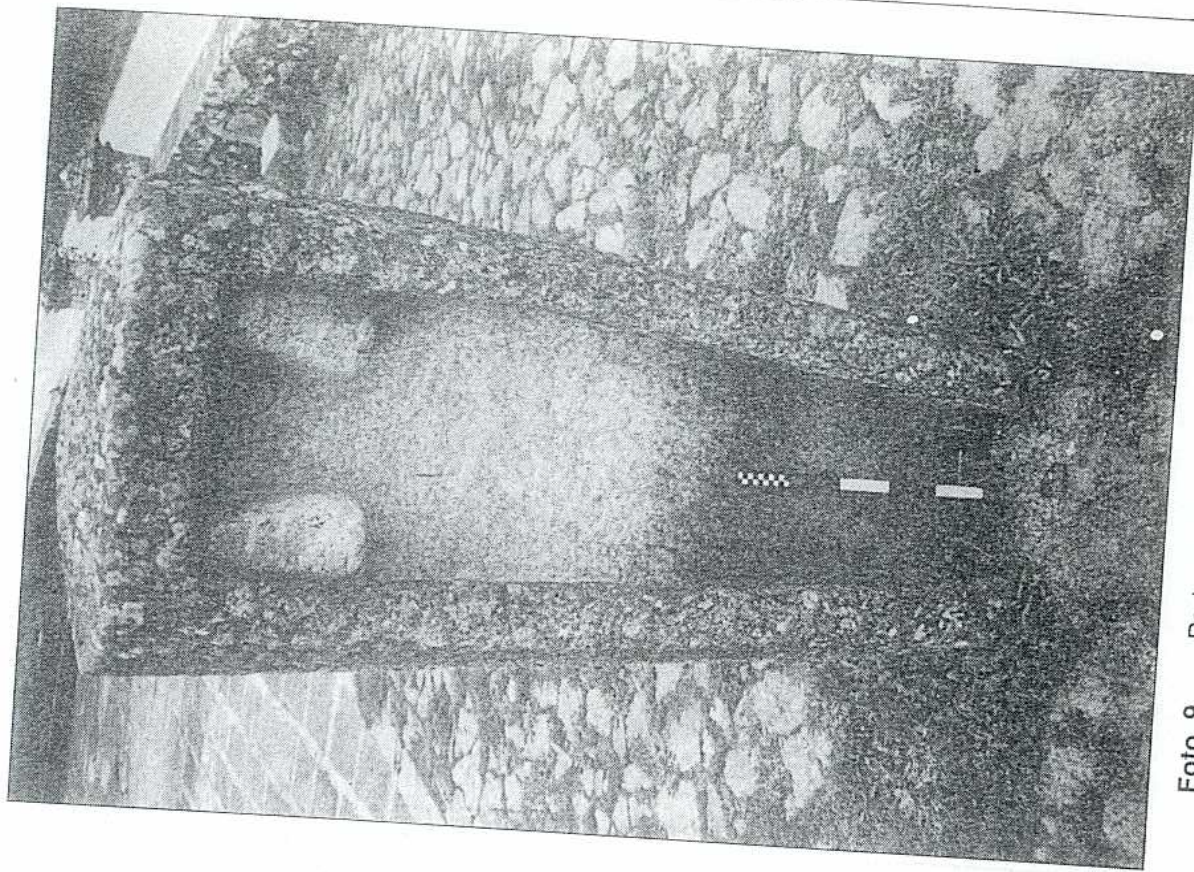


Foto 9 - Parte posterior do mesmo miliário convertido, na Idade Média, em sepultura antropomórfica.

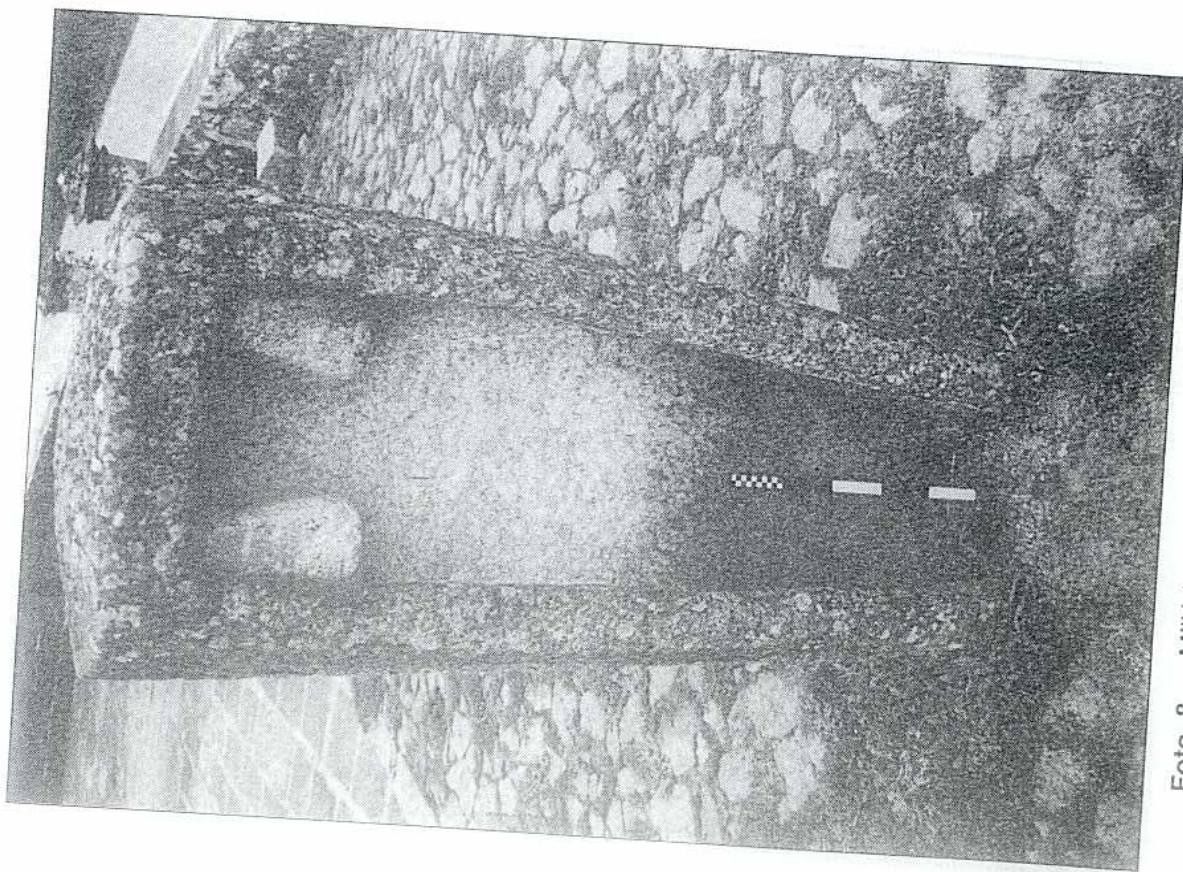
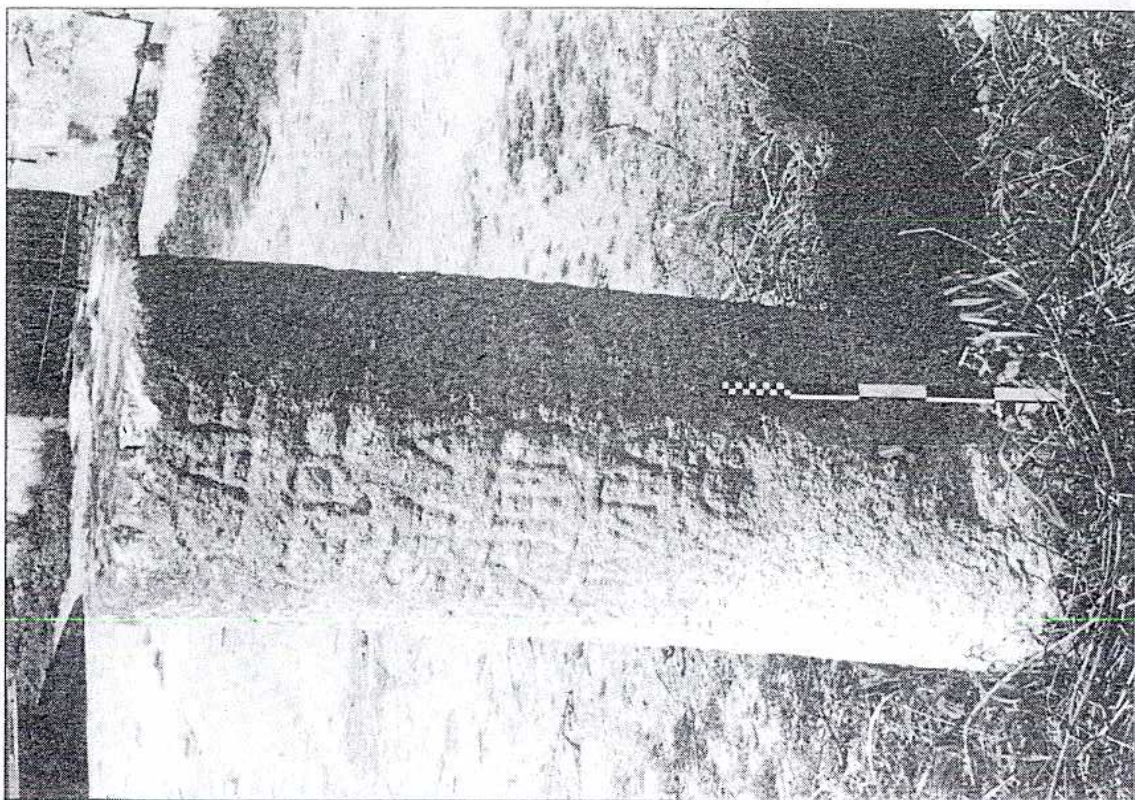
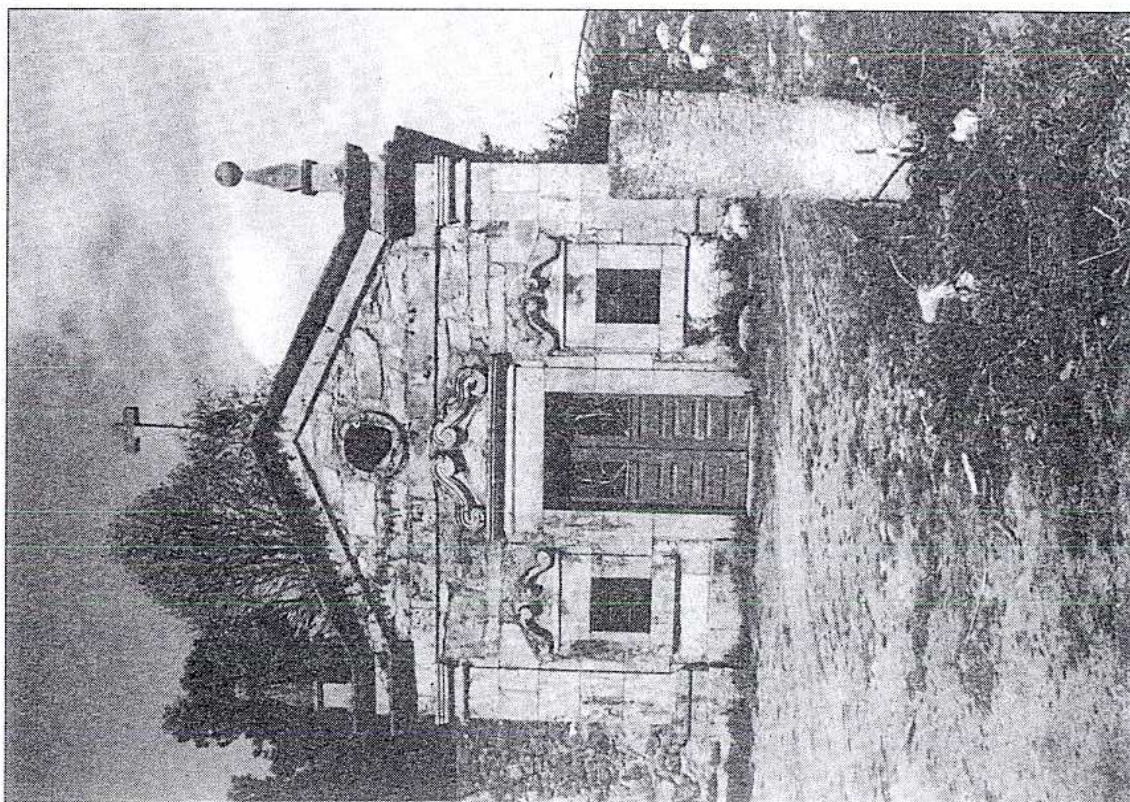


Foto 8 - Miliário de Caracala (ROM 39)  
- Adro da Igreja Românica de Rubiães.



**Foto 11** – Perspectiva mais pormenorizada do mesmo miliário de Augusto.



**Foto 10** – Miliário de Augusto (ROM 40) - Encontra-se em frente da capela da Quinta do Crasto, em Rubiães.

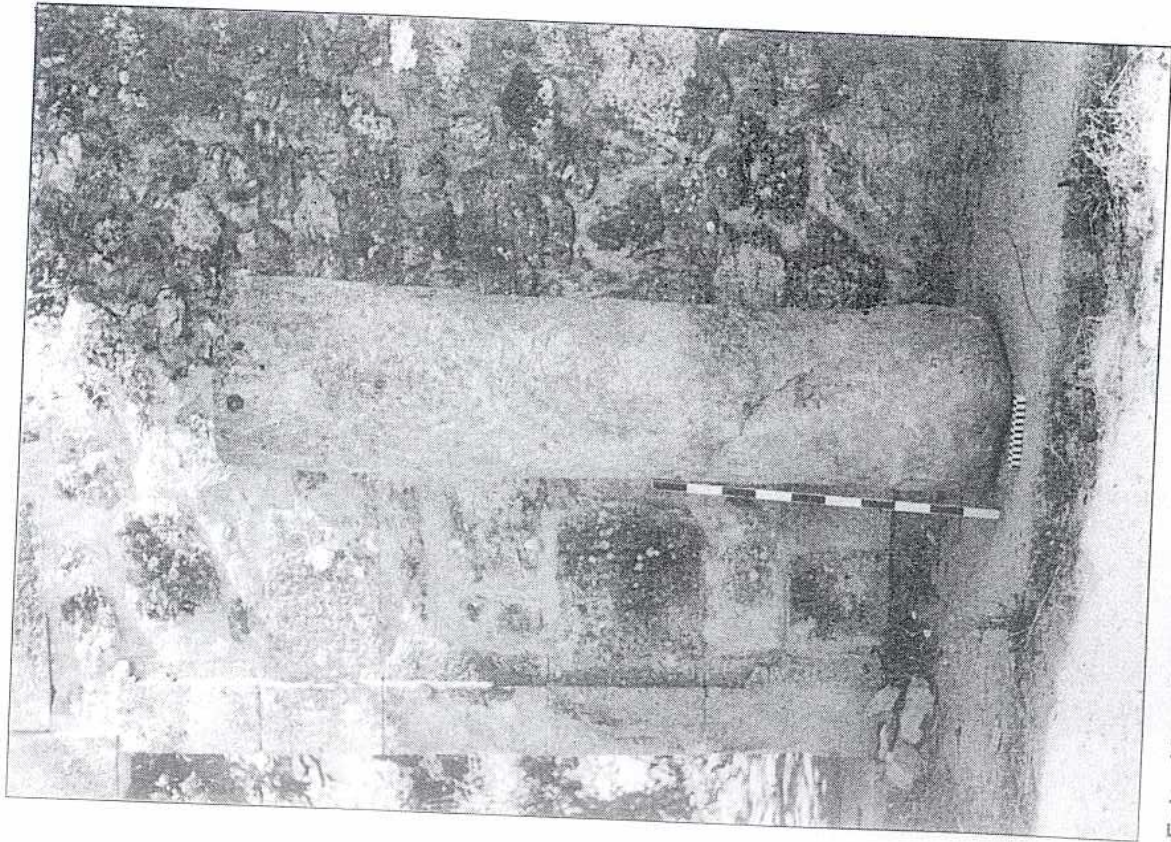


Foto 12 – Miliário de Augusto, numa fase em que foi desenterrado para realização de obras.

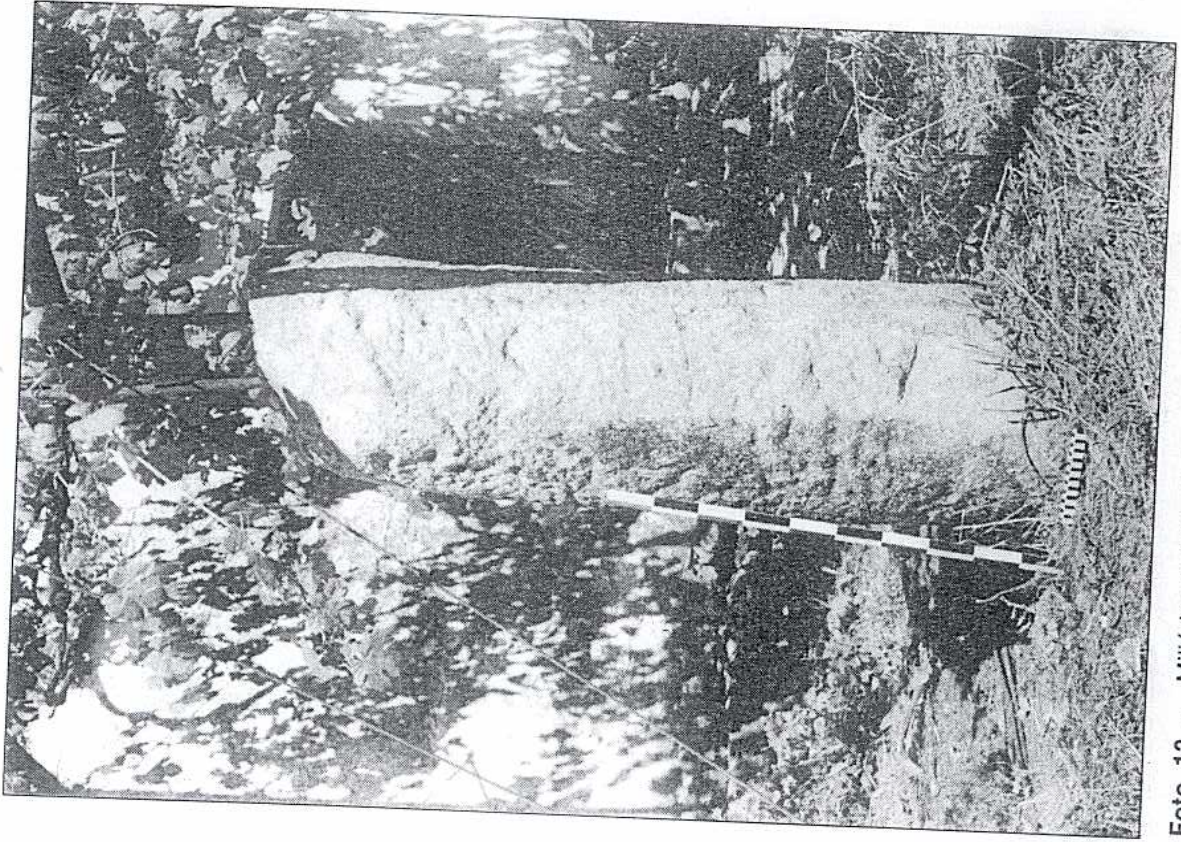


Foto 13 – Miliário de Valentiniano I (ROM 41) - Encontra-se a suportar uma ramada na Quinta do Crasto, em Rubiães.

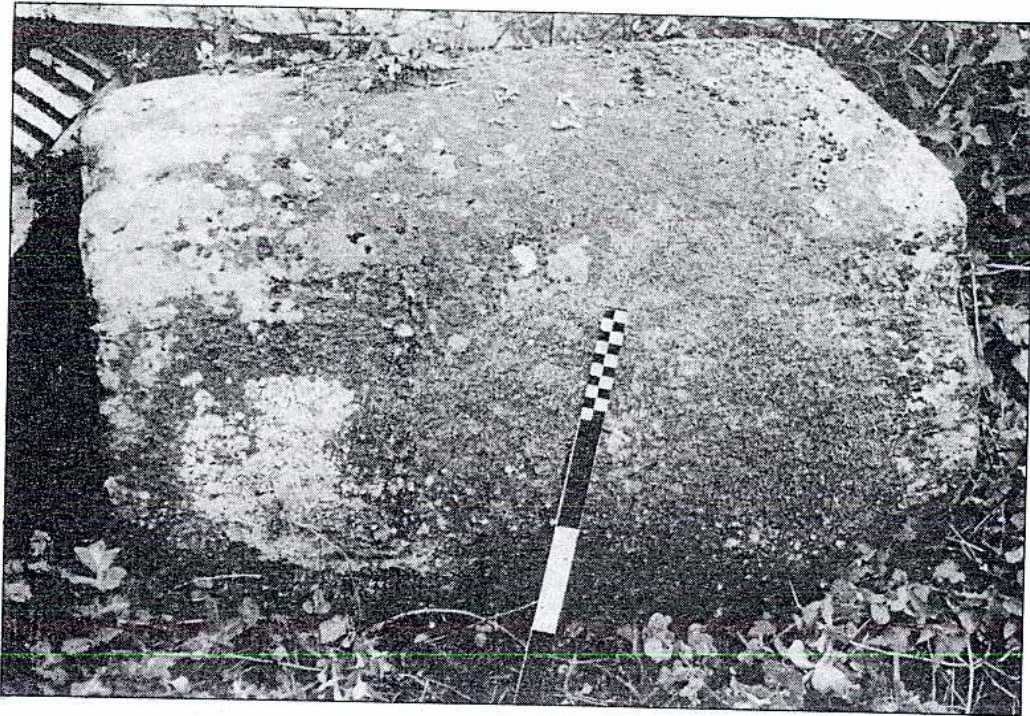


Foto 14 – Outro miliário que se encontra-se na Quinta do Crasto (ROM 42).



Foto 15 – Ponte romano-medieval sobre o rio Coura. Lugar da Ponte Velha, Rubiães.